

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

Mariana Mrad Godinho

**PODCAST CONTRA-ATAQUE DELAS:
Desafios e conquistas da mulher no jornalismo esportivo brasileiro**

**Juiz de Fora
Fevereiro 2025**

Mariana Mrad Godinho

**PODCAST CONTRA-ATAQUE DELAS:
Desafios e conquistas da mulher no jornalismo esportivo brasileiro**

Memorial do produto apresentado à Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador(a): Prof. Dr. Ricardo Bedendo

**Juiz de Fora
Fevereiro 2025**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mrad Godinho, Mariana.

Podcast Contra-ataque Delas: Desafios e conquistas da mulher
no jornalismo esportivo brasileiro / Mariana Mrad Godinho. -- 2025.
64 f. : il.

Orientador: Ricardo Bedendo
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2025.

1. Podcasting. 2. podcast,. 3. mulher. 4. jornalismo esportivo. 5.
preconceito. I. Bedendo, Ricardo , orient. II. Título.

À minha família e amigos,
que sempre estiveram ao meu lado nesta jornada.

“Tu te tornas responsável eternamente
por aquilo que cativas.” - Pequeno Príncipe

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade de chegar até aqui e estar perto de concluir mais esta etapa em minha vida. Agradeço a Universidade Federal de Juiz de Fora, também através do Colégio de Aplicação João XXII, local onde estudei durante 11 anos, por me proporcionar o acesso a uma instituição pública, democrática, gratuita, inclusiva e de qualidade. Aos meus pais, Rosemary e José Eustáquio, que sempre fizeram tudo por mim, principalmente no quesito educação. Ao meu irmão, Mateus, pelo apoio. Aos meus avôs maternos Elvira e Manoel e meus avôs paternos Maria Aparecida e Luiz (*in memorian*) que foram fundamentais na minha trajetória. A Ana Karina, minha psicóloga que me fez acreditar que eu era capaz e segurou a barra durante os últimos meses. Ao meu orientador Ricardo Bedendo pelo auxílio, compreensão e confiança durante todo o processo e pela oportunidade em produzir um podcast, que sem dúvida foi uma das melhores experiências que tive na faculdade. Aos meus amigos da faculdade que fizeram meus dias mais leves e me ajudaram a não desistir. Aos meus amigos que conheci em outros lugares, vocês foram muito importantes neste processo. A Mayara Fernandes, minha amiga da faculdade, que usou seu talento e experiência para criar a logo do podcast e me ajudar a dar vida a ele, sem ela tudo seria mais difícil. As pessoas especiais que conheci durante meu estágio na Secretaria Especial de Direito Humanos da Prefeitura de Juiz de Fora.

RESUMO: Este trabalho aborda o processo de produção do podcast “Contra-ataque Delas”. O memorial apresenta todos os passos para a construção do podcast, da ideia inicial até a divulgação e avaliação dos episódios. O trabalho também apresenta estudo teórico sobre conceitos e significados de temas relacionados à nossa produção, como podcasting, podcast, rádio expandido, a “Segunda Era do Podcasting” e videocast. Ainda no contexto da iniciativa, abordamos a temática da mulher no jornalismo esportivo, pontuando sobre alguns desafios e conquistas ao longo dos anos. Além disso, abordamos sobre as mulheres pioneiras e alguns referenciais atuais dentro da área.

Palavras-chave: Podcasting, podcast, mulher, jornalismo esportivo, preconceito, assédio.

ABSTRACT: This project explores the production process of the podcast “Contra-ataque Delas”. The report details every stage of the podcast’s development, from the initial concept to the promotion and evaluation of the episodes. Additionally, the study presents a theoretical discussion on key concepts and themes related to our production, such as podcasting, podcasts, expanded radio, the “Second Era of Podcasting,” and videocasting. Within this context, we also address the role of women in sports journalism, highlighting both challenges and achievements over the years. Furthermore, we discuss pioneering women in the field as well as notable contemporary references.

Keywords: Podcasting, podcast, women, sports journalism, prejudice, harassment.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Opção 1 de logo para o podcast	41
Figura 2 - Opção 2 de logo para o podcast	41
Figura 3 - Nova verão logo com detalhe rosa	42
Figura 4 - Nova verão logo com detalhe verde	42
Figura 5 - Print do instagram “Contra-ataque Delas”	44
Figura 6 - Arte para divulgar a gravação com Christiane Dias	46
Figura 7 - Registro feito durante a gravação com Christiane Dias	47
Figura 8 - Registro feito após a gravação com Christiane Dias	48
Figura 9 - Arte para divulgar a gravação com Regina Campos	48
Figura 10 - Registro feito durante a gravação com Regina Campos	49
Figura 11 - Registro feito após a gravação com Regina Campos	50
Figura 12 - Arte para divulgar a gravação com Alícia Soares	51
Figura 13 - Registro feito durante a gravação com Alícia Soares	52
Figura 14 - Registro feito após a gravação com Alícia Soares	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. JORNALISMO ESPORTIVO	12
2.1. A Mulher no Jornalismo Esportivo	12
2.2. Elas na narração e nos comentários esportivos	20
3. O PODCAST NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	26
3.1. O que é Podcast?	26
3.2. Rádio Expandido	32
3.3. A Segunda Era do Podcasting	34
3.4. Videocast: a tendência do podcast em vídeo	37
4. APRESENTAÇÃO DO PODCAST “CONTRA-ATAQUE DELAS”	39
4.1. Por que “Contra-ataque Delas”?	40
4.2. Logo e Cores	40
4.3. Convidadas e episódios	43
4.3.1. Christiane Dias	45
4.3.2. Regina Campos	48
4.3.3. Alícia Soares	50
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57

1. INTRODUÇÃO

Desde o início, o jornalismo esportivo tem como característica ser um ambiente majoritariamente masculino, no qual a presença da mulher tem avançado com a superação de padrões impostos pela sociedade e através de muita luta.

Nossos estudos para este trabalho mostraram que as mulheres precisam se provar todos os dias na área esportiva e ainda lidar com uma violência simbólica: o assédio.

O incômodo masculino em ambientes que antes eram dominados por homens torna o trabalho das mulheres no âmbito esportivo ainda mais hostil, pois o assédio e a desaprovação profissional são barreiras cotidianas na vida das jornalistas esportivas (Costa; Leite; Richartz, 2019, p.4).

De acordo com Thales Lelo (2019), algumas profissionais optam por manter distância de determinados campos sociais e coberturas, para evitar assédios que podem ocorrer de forma sutil ou explícita. O autor destaca que o assédio sofrido por mulheres no meio jornalístico não está apenas restrito ao contato com jogadores, mas pode vir de outras fontes que detém o poder simbólico e financeiro, como celebridades e empresários.

Para entender com mais clareza a realidade atual da mulher no jornalismo esportivo, é necessário voltar no tempo e informar quando e como elas entraram neste universo. Nossa memorial mostra, por meio de nossas pesquisas bibliográficas, que a mulher entrou nesta área, de fato, apenas na década de 1940 e passou e ainda passa por muito preconceito, com o auxílio de Paulo Vinícius Coelho (2024) e Rebeka Meirelles (2022). Nos dedicamos, ainda, a mostrar quais as jornalistas esportivas que são referências na área atualmente. Trabalhamos estes pontos no segundo capítulo e apresentamos a campanha #DeixaElatrabalhar, na qual as jornalistas esportivas buscaram mais respeito no exercício da profissão, utilizando as autoras Ariane Pereira e Laura Rodrigues (2019) e os autores Naiara Santos e Gerson Sousa (2019).

Também disponibilizamos um capítulo para falar sobre podcasting e podcast, que dialogam sobre um dos formatos de mídia mais populares da atualidade, que para ser ouvido basta ter um dispositivo eletrônico e aplicativos em smartphones, como o Spotify. Com o auxílio de autores como Marcelo Kischinhevsky (2012; 2024)

e Tiziano Bonini (2020) conceituamos este meio comunicacional e abordamos como ele é visto no mundo contemporâneo.

A proposta de produzir o podcast “Contra-ataque Delas” encerra os apontamentos escritos deste trabalho. No último capítulo, mostramos todos os passos da construção, da ideia inicial até a divulgação dos episódios.

A iniciativa é uma parceria com o “Footbyte: Núcleo de Estudos em Comunicação, Tecnologia e Futebol”, do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação (Facom) da UFJF e por isso também foi possível realizar este projeto.

O “Contra-ataque Delas” traz duas convidadas que são pioneiras em Juiz e de Fora e região na área do jornalismo esportivo e a outra foi escolhida pelo fato de ser uma jornalista que faz parte da nova geração. Os três episódios foram gravados presencialmente, na Rádio Facom, entre dezembro de 2024 e janeiro de 2025.

A primeira entrevistada foi Christiane Dias, formada em jornalismo pela UFJF. Por alguns anos, Christiane atuou como jornalista na editoria de esportes do Jornal Tribuna de Minas. Ela também trabalhou na equipe de esportes da extinta Rádio Nova Cidade, no departamento de jornalismo da rádio Solar e como produtora na TV Globo de Juiz de Fora. Atualmente, ela é professora de português para estrangeiros, mas com vasta experiência no jornalismo. Em Brasília foi produtora e editora da sucursal da TV Cultura, produtora da TV Globo, produtora e editora do SBT e assessora de imprensa do Programa Nacional de DST/Aids, do Ministério da Saúde.

A segunda entrevistada foi Regina Campos, que se formou em jornalismo na UFJF, em 1987. Na sua trajetória profissional trabalhou nas Rádios Solar AM e FM, TV Alterosa Belo Horizonte, TV Globo Belo Horizonte, TV Globo Juiz de Fora, que depois virou Panorama e hoje é Integração, e Jornal Tribuna de Minas. Ela foi ainda assessora de imprensa no Instituto Granbery e Hospital Monte Sinai. Regina também atuou na produção de roteiros e apresentou programas eleitorais em Juiz de Fora e Belo Horizonte, além de atuar em documentários e vídeos institucionais realizados por produtoras de Juiz de Fora e Belo Horizonte.

A terceira entrevistada foi Alícia Soares, graduada em jornalismo e mestrandona em Comunicação pela UFJF, ela também é especialista em produção em Jornalismo Digital pela PUC-Minas. Com oito anos de experiência em meios de comunicação independentes, entre eles, Futebol por Elas, Premier League Brasil, Blues of Stamford, VAVEL, Torcida Web, Dimensão Esportiva, EsportudoW e Planeta Futebol Feminino, já realizou a cobertura in loco de jogos da Seleção Brasileira Feminina,

Superliga Feminina, Brasileirão Série A e Libertadores. Já foi jurada do “100 Best Female Footballers In The World” do The Guardian nos anos de 2021, 2022, 2023 e 2024. Além disso, a jornalista é idealizadora do Blog Maria Futeboleira.

2. JORNALISMO ESPORTIVO

No início da história do jornalismo esportivo a atividade era majoritariamente protagonizada pelo universo masculino. Hoje, as mulheres, apesar dos desafios encontrados, têm conseguido um espaço maior. A pesquisa da Associação para Mulheres no Esporte e na Mídia (AME)¹ reflete que, mesmo com os avanços, ainda é preciso romper muitas fronteiras: somente 12% das reportagens são produzidas por mulheres e apenas 5% ocupam cargo de liderança nas grandes editorias de mídia esportiva (Lab Notícias, 2024, recurso online). Neste capítulo abordamos como começou o jornalismo esportivo no país, quando e como as mulheres foram inseridas. Também falamos sobre as pioneiras e algumas referências atuais.

2.1. A Mulher no Jornalismo Esportivo

Historicamente, as mulheres são inseridas nas atividades posteriormente aos homens e, infelizmente, no jornalismo esportivo não é diferente. No tópico no qual abordamos as pioneiras nesta área, vamos detalhar melhor datas e nomes, mas já adiantamos que, de fato, as pesquisas mostram o quanto as mulheres demoraram a conquistar espaço em uma história que, em boa parte, se constituiu desde a chegada do futebol no Brasil, em fins do século XIX e início dos Século XX.

A inserção de mulheres em definitivo em jornais esportivos ou na editoria, seguiu a “lógica da dominação” (BOURDIEU, 2002) que as acompanhou ao longo dos séculos: esperar que uma parcela significativa da sociedade, quase que hegemonicamente do gênero masculino, aceitasse que modalidades esportivas não só lhe interessavam, como também poderiam fazer parte de sua área de trabalho (Carvalho, 2021, p.3).

A entrada tardia das mulheres fez com que o retrospecto inicial da editoria de esporte no Brasil fosse contado por homens, sem nenhum questionamento sobre a falta delas nesta ocupação.

A realidade das mulheres não é difícil apenas no jornalismo esportivo, mas no mercado de trabalho em geral. Elas precisam correr mais atrás que os homens em

¹ Disponível em:
[https://labnoticias.jor.br/2024/04/29/em-campo-desigual-a-luta-das-mulheres-por-mais-reconhecimento
o-no-jornalismo-esportivo/](https://labnoticias.jor.br/2024/04/29/em-campo-desigual-a-luta-das-mulheres-por-mais-reconhecimento-no-jornalismo-esportivo/)

busca de oportunidades, precisam se provar o tempo inteiro e ocupam as mesmas funções que eles, mas são menos remuneradas.

Os Ministérios das Mulheres e do Trabalho e Emprego (MTE), disponibilizou, em março de 2024, os dados do 1º Relatório Nacional de Transparências Salarial e de Critérios Remuneratórios. O levantamento mostrou que as trabalhadoras ganham 19,4% a menos que os homens no país. Já em cargos de liderança, como gerentes e dirigentes, a diferença salarial chega a 25,2% (Agência Brasil, 2024, recurso online).

De acordo com a Federação Nacional do Jornalistas, em 2021, 64% dos profissionais dentro das redações eram mulheres no Brasil. Mas quando se trata da editoria esportiva, a realidade é outra. Mundialmente, apenas 8% dos textos jornalísticos no esporte são assinados por mulheres. A pesquisa foi realizada em 22 países, incluindo o Brasil (HORKY; NIELAND, 2011 apud Carvalho, 2021). Apesar das mulheres serem maioria no exercício da profissão, a diferença na quantidade de profissionais na área esportiva evidencia a desigualdade.

Esta mesma pesquisa apresentou também que o jornalismo esportivo é masculino no sentido das temáticas veiculadas. Do material publicado, em jornais dos 22 países, 85% das reportagens são sobre atletas e modalidades masculinas e somente 9% sobre mulheres atletas ou modalidades femininas, os outros 6% não tem especificação de gênero (Brum, Capraro, 2015. p.2).

O preconceito existente contra as mulheres que trabalham com esporte só evidencia o quanto a nossa sociedade é machista.

O preconceito e o estereótipo de gênero que relutam em permanecer na sociedade atual afetam negativamente o sexo feminino que atua em uma profissão considerada masculina. Mesmo com a luta e alcance dos direitos das mulheres como profissionais da imprensa esportiva, o tradicional ainda é visto pela sociedade patriarcal como o correto e melhor (Costa; Leite; Richartz, 2019, p.2).

Costa, Leite e Richartz (2019), acrescentam, ainda, que em ambientes masculinos questiona-se a posição da mulher, justificando que gênero define qualidade técnica ou domínio do tema. A lembrança trazida por Coelho (2024) reforça esse cenário.

Nos velhos tempos, o veterano Oldemário Touguinhó, repórter do *Jornal do Brasil*, telefonava para a redação durante as grandes coberturas e procurava o editor. Quando este indicava uma mulher para recolher o material que vez ou outra tinha de ser passado por telefone, Oldemário simplesmente se recusava a entregar os relatos. (Coelho, 2024, p.35)

Atitudes como essas são comuns no meio esportivo, principalmente no futebol, que ainda é composto por muitos profissionais homens, que têm um pensamento sexista. “A afirmação da competência feminina no jornalismo esportivo faz parte do cotidiano das mulheres que trabalham nesse meio que permanece restrito” (Costa; Leite; Richartz, 2019, p.4).

Homens e mulheres podem ter opiniões semelhantes, iguais ou diferentes durante os programas esportivos, mas o que costuma ser levado em consideração é quem está falando e não o que a pessoa está falando.

Um exemplo da ideia preconcebida a respeito disso é o homem quando comete um erro ao comentar de um atleta, time ou competição e é considerado como um ato falho ou apenas um desentendimento sobre o tema. Já a mulher quando comete o mesmo erro é dito que ela não entende sobre assunto pelo simples fato de ser mulher. (Costa; Leite; Richartz, 2019, p.6)

As mulheres enfrentam dúvidas frequentes de colegas e chefes quanto à competência de atuarem em determinados espaços, como participar de programas esportivos, cobrir e comentar partidas. Um exemplo que justifica é da jornalista Ana Thais Matos que foi proibida de narrar um jogo² apenas por ser mulher: O relato de Ana Thais a Rebeka Meirelles (2022) também reitera esse contexto.

² Era uma partida decisiva do campeonato brasileiro de 2014 e com bastante visibilidade em que torcedores de várias equipes estariam ligados ao resultado. (Meirelles, 2022, p.87)

Acho que tem uma situação que me lembro muito: na Rádio Globo ainda, eu cobri a reta final presencial do Santos em 2014. E chegou no último jogo, na última rodada do campeonato brasileiro, o Santos jogava contra o Vitória em Salvador e o Palmeiras jogava em São Paulo e o resultado daquele jogo repercutia o rebaixamento ou não do Palmeiras. Eu estava cobrindo a reta final do Santos inteira e chegou nesse último jogo o meu chefe mandou um menino para fazer a reportagem de Santos x Vitória. Eu fiquei muito mal. Mas pera aí, porque eu não posso ir? E ali eu vi que ele não me mandou por eu ser mulher, não era porque eu não estava preparada, porque não era transmissão do jogo, era o posto né, só tinha que informar a cada 5 minutos o tempo e o placar do jogo, e repercutir o resultado, se o Santos perdesse ou ganhasse podia influenciar o resultado no jogo do Palmeiras e não fui para esse jogo só porque eu era mulher e ele falou isso para mim. Que esse jogo não era lugar para eu estar (Meirelles, 2022, p.86-87).

Vale ressaltar que a jornalista Ana Thaís Matos foi a primeira mulher a comentar partidas de futebol masculino na Rede Globo em 2019³ e ter lugar nas principais transmissões da modalidade. Porém, mesmo com um currículo com várias experiências, assim como as demais mulheres, ela enfrenta situações machistas no seu trabalho, muitas vezes sendo cerceada a algumas funções presentes no debate (Meirelles, 2022).

Diante disso, a jornalista sofreu ataques machistas de seu colega Carlos Cereto, ao proferir questionamentos acerca de uma novela, enquanto os demais colegas tinham liberdade para conversarem sobre o Flamengo na Copa Libertadores da América de 2019⁴.

Para a dissertação de mestrado de Meirelles (2022), Ana Thais concedeu entrevista e lembrou este episódio lamentável:

Foi um dia muito difícil pra mim e eu acho que também dei a melhor resposta que podia ter dado dentro do tempo que tinha pra pensar pra responder. Pensei numa forma para não expor, pra não deixar numa situação constrangedora, mas ao mesmo tempo eu não podia recuar porque ali era a minha essência, as coisas que eu luto, que eu acredito e se eu entrasse na brincadeira, como sugeriram pra mim, talvez eu sairia dali pior do que eu tava me sentindo, porque na hora que eu podia ter falado do machismo eu pipoquei [...] (Meirelles, 2022, p.16)

³ Falaremos melhor sobre este assunto mais a frente neste capítulo.

⁴ Este episódio aconteceu durante um programa de debate do Sportv, no dia 22 de novembro de 2019.

Além do mais, para as jornalistas, enquanto mulheres, apesar de terem potencial e conhecimento, a ascensão profissional destas encontra diversos percalços devido ao machismo engendrado, como a oportunidades de empregos e até mesmo conseguir que uma pauta seja aprovada ou levada adiante (Meirelles, 2022). Esses são exemplos que fazem com que as profissionais se desmotivem a permanecer na área.

Vejo muita gente se sentindo desmotivada, vejo muita mulher se sentindo desvalorizada, vejo muitas pautas que não andam mesmo tendo muito potencial, e elas não andam porque elas tem um pegada feminina e essa presença feminina, elas até existem, mas para você emplacar, você tem quase que parir (Bárbara Coelho – em entrevista dada a Meirelles, 2022, p.87).

Para Thales Lelo (2019) na profissão do jornalista há uma cultura organizacional que idealiza a figura masculina e não atua para coibir situações de assédio. Ele também destaca que nesta cultura a avaliação de desempenho é taticamente ancorada em gênero.

O autor aponta que na cultura profissional há um prestígio maior aos profissionais do gênero masculino e uma segregação horizontal, por pautas, editoriais e estilo de escrita, que é causado por ação masculina e estrutural, mas também por causa de situações em que assédios são considerados comuns.

Para alguns pesquisadores da área, com espaço limitado e sendo obrigadas a comprovar competência diariamente, no jornalismo esportivo, as mulheres não só encontram uma barreira, mas uma violência simbólica: o assédio.

Conceito criado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, a violência simbólica de gênero se dá pela naturalização das atitudes de segregação e assédio muitas vezes sem consciência das partes. Segundo Bourdieu (1930), os dominados aplicam categorias do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais. (Costa; Leite; Richartz, 2019, p.7)

Os estudos documentam os casos de assédio dentro do jornalismo esportivo, vêm em sua maioria de atletas, treinadores, dirigentes e até de colegas de profissão, situações que foram transmitidas ao vivo⁵ em programas esportivos, jogos e

⁵ Mais a frente neste trabalho falaremos de casos de assédio que mobilizaram a campanha #DeixaElatrabalhar

entrevistas, mas não podemos esquecer dos torcedores (Costa; Leite; Richartz). Petinelli, 2018, acrescenta mais algumas reflexões sobre as barreiras de gênero:

O jornalismo é tido como uma das profissões campeãs em assédio, como mostram várias pesquisas feitas no Brasil e no mundo. Um exemplo em nível mundial foi a pesquisa feita pela The International News Safety Institute (INSI) e pelo International Women's Media Foundation (IWMF) em 2014, dando conta de que dois terços das jornalistas sofreram algum tipo de intimidação, abuso ou ameaça, a maioria no próprio ambiente de trabalho. Já aqui no Brasil, esses números também ficaram evidentes após a divulgação do relatório Mulheres no Jornalismo Brasileiro (2017), da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), realizado em parceria com a agência Gênero e Número, onde o assédio é citado por mais da metade das mulheres entrevistadas. (Petinelli, 2018, p. 28)

Ainda na análise da pesquisa, Petinelli acrescenta:

Ainda nessa pesquisa, 73% das mulheres afirmaram já ter escutado comentários ou piadas de natureza sexual no ambiente de trabalho e 83,6% já ter sofrido algum tipo de violência psicológica. Na pesquisa em questão, foram citados oito tipos de violência psicológicas, sendo elas: insultos verbais 44,2%, humilhação pública 40,5%, abuso de poder/autoridade 63,9%, intimidação verbal, escrita ou física 59,7%, tentativa de danos à sua reputação 31%, ameaça de perda de emprego em caso de gravidez 2,3%, ameaça pela internet 13,4% e insultos pela internet 24,7%. (Petinelli, 2018, p. 28)

De acordo com pesquisa realizada pela jornalista Renata Cardoso Nassar⁶ (2019), em seu trabalho de conclusão de curso (TCC) “O assédio no jornalismo esportivo: o cotidiano das jornalistas e o machismo praticado pela imprensa”, 96,55% das profissionais entrevistadas afirmam que o preconceito é uma realidade entre as mulheres que atuam na área. Do total, 86,65% contam já terem sofrido preconceito em algum momento da carreira, sendo o assédio o principal tipo de constrangimento, 38,46% (Tribuna de Minas, 2019).

O número mostra que, infelizmente, não é difícil encontrar uma jornalista que já tenha sofrido assédio no meio esportivo. A jornalista Clara Albuquerque, correspondente da TNT Sports na França, destaca em uma entrevista dada à Pedroza (2017) para seu TCC , que já sofreu assédio de colegas de trabalho.

⁶ Renata Cardoso Nassar é ex-aluna da Universidade Federal de Juiz de Fora. Durante a nossa pesquisa não localizamos no repositório da UFJF o arquivo do TCC da acadêmica, por isso mencionamos a entrevista ao jornal.

Eu já tive colegas de profissão, mais de um, que se sentem no direito de achar que porque você é mulher e você tá no esporte, que você tá a fim de se envolver com qualquer um, e é difícil aceitar um 'não'. Já tive colegas que forçaram a barra a ponto de eu ter que ser mais dura, não fisicamente, mas de mensagens insistentes e de não aceitar o 'não'. É claro que isso acontece em qualquer área, qualquer mulher vai passar por isso em qualquer área, mas como a gente trabalha em uma área de muitos homens, isso acontece não só quando a gente tá fora, no nosso momento de lazer em que o cara puxa você pelo braço e acha que tem o direito de fazer isso numa festa, mas isso acontece também em um ambiente de trabalho porque a maioria das pessoas ali é homem, então isso acontece sem dúvida. (Pedroza, 2017, p.26-27)

Em março de 2018, mais de 52 jornalistas da área esportiva, entre elas Fernanda Gentil, Carol Barcellos, Taynah Espinoza, Aline Nastari, Ana Thais Matos, lançaram a campanha #DeixaElatrabalhar⁷ para denunciar o assédio sofrido durante a prática jornalística. Elas lançaram um vídeo⁸ de 1 minuto com algumas contando que já sofreram assédio e pedindo respeito. A campanha teve como gancho dois episódios que aconteceram, em março daquele ano, com as jornalistas Renata de Medeiros e Bruna Dealtry.

Em 11 de março, Renata cobria o clássico entre Internacional e Grêmio, em Porto Alegre. A jornalista estava na torcida colorada quando escutou xingamentos, "sai daqui, sua puta" de um torcedor direcionados a ela. Para tentar intimidá-lo, a profissional começou a gravar um vídeo e pediu a ele para repetir o que disse, nesse instante, o torcedor empurrou a repórter da Rádio Gaúcha. Em seguida, o torcedor tentou dar um soco, que deixou um hematoma no braço da profissional (Nogueira, 2024).

Dois dias depois, dia 13 de março, Bruna Dealtry, do antigo Esporte Interativo, era responsável por fazer a cobertura do Vasco da Gama e estava na entrada de São Januário, no meio da torcida, para uma partida contra a Universidad Del Chile. Durante o ao vivo, um torcedor vascaíno tentou beijá-la sem seu consentimento e saiu rindo. A jornalista fez um breve comentário sobre o ocorrido e continuou trabalhando.

⁷ As hashtags (#) têm sido utilizadas como uma forma de possibilitar as discussões sobre certo assunto de forma mais organizada. (Pereira, Rodrigues, 2019, p.7)

⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/BgwI_ViBxAE/

Em ambos os casos, o posicionamento das repórteres aborda o espanto frente ao assédio e violência sofridos em seu ambiente de trabalho. Em certo trecho, Dealtry⁹ afirma que apesar de sua faculdade, seus cursos, de estudos táticos e pesquisas, o torcedor se achou no direito de beijá-la. “(...) pelo simples fato de ser uma mulher no meio de uma torcida, nada disso teve valor para ele”, escreve (Santos; Sousa, 2019, p.7).

No dia 15 de março, o torcedor, que tentou beijar Dealtry, foi identificado e publicou um vídeo se desculpando com a jornalista e sua família, relatando estar envergonhado porque o vídeo “viralizou”. Ele relata que estava embriagado, mas que o beijo foi no rosto e não é uma pessoa que pratica assédio. O torcedor ainda pede que a profissional leia os emails que enviou, para acalmá-la, como se isso fosse apagar o assédio sofrido.

Durante o vídeo ele reforça a representação social da mulher. “Ao pedir desculpas para Dealtry e sua família, reforça a ideia de respeitar o marido e não a própria vítima do assédio. A propriedade dele não foi violada, quem sofreu foi a jornalista e o vídeo não se direciona a ela” (Santos; Sousa, 2019, p.8).

Estes episódios mostram que o corpo da mulher foi desrespeitado apenas por ser uma mulher trabalhando com esporte. Na maioria das vezes, o assediador ou agressor está apenas preocupado com a sua imagem e não se arrepende da sua ação (Santos; Sousa, 2019).

As hashtags possibilitam a interação entre os usuários e a campanha #deixaela trabalhar, contribuiu para que aumentasse o número de denúncias de mulheres que estão presentes no jornalismo esportivo. “Para entender a campanha, é preciso entender também os apelos presentes na hashtag lançada, como o assédio moral e sexual nas redações, o machismo, a igualdade de gênero e o feminismo presente durante todo o manifesto” (Pereira; Rodrigues, 2019, p.8).

Para ilustrar, apresentamos o relatório Mulheres no Jornalismo Brasileiro, realizado pela Gênero e Número e pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, em parceria com o Google News. “83,6% das jornalistas que responderam a pesquisa já sofreram algum tipo de violência psicológica, 65,7% já tiveram sua competência questionada e 64% já sofreram abuso de poder de chefes ou fontes” (Abraji, 2018).

⁹ Bruna Dealtry postou um texto em uma rede social, no qual relata o sentimento de impotência frente ao assédio.

Os homens que trabalham no meio esportivo não precisam provar sua capacidade, eles não serão questionados por serem homens. Este ato reforça que a sociedade ainda vê a mulher segundo sua representação (Santos, Sousa, 2019). Neste momento a campanha surge.

A capacitação intelectual apresenta que as mulheres podem tratar do esporte de forma eficaz. Mas a #DeixaElaTrabalhar foca na identidade das jornalistas enquanto sujeito. Ao contrário do que é declarado em sua representação, seu corpo não é de nenhum homem, é seu (Santos; Sousa, 2019, p.9-10).

A campanha alcançou repercussão nacional e internacional, marcando a união feminina em busca de desconstruir a representação, principalmente no meio esportivo, e debater sobre a construção social (Santos; Sousa, 2019).

2.2. Elas na narração e nos comentários esportivos

Como já relatado neste trabalho, o jornalismo esportivo foi, desde o seu início, ocupado por homens e um espaço machista. Dessa maneira, as mulheres demoraram mais para conquistar seu espaço.

Era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 70. A coisa mudou. Não que hoje as redações esportivas tenham o mesmo número de mulheres com relação ao contingente masculino. Mas é possível até que o índice feminino na redação reflita o interesse da população (Coelho, 2024, p. 34).

Separamos algumas das pioneiras que foram fundamentais para que, hoje, tenhamos mulheres comentando, narrando e apresentando programas esportivos.

A mulher pioneira a cobrir esportes no Brasil foi a jornalista Maria Helena Rangel, em 1947, no jornal *Gazeta Esportiva*. “Nenhum dos jornalistas que ali estavam poderia imaginar que a moça, chamada Maria Helena Nogueira Rangel, era a mais nova contratada do veículo, a primeira mulher a cobrir a área de esportes no Brasil” (PORTAL IMPRENSA, 2007, recurso online). Mas Mary Zilda Grassia já tirava as primeiras fotos de esporte para um jornal em 1934 (Miranda; Silva, 2017).

Na década de 1970, tivemos no país a primeira narradora: Zuleide Ranieri, na Rádio Mulher.

Possivelmente, depois de Zuleide e Claudete Troiano, que dividia a função com ela à época, outra mulher só voltou a narrar um jogo da modalidade em emissora de rádio cerca de 40 anos depois: Elaine Felchaka, em 2009, na Rádio 91 Rock, do Paraná (Ferro, 2021, p.1).

A Rádio Mulher foi o primeiro veículo a ter uma equipe formada exclusivamente por mulheres nos esportes, nos anos de 1970. Elas também transmitiam futebol. As profissionais do sexo feminino exerciam todas as funções, como chefe de reportagem, técnica de som, motorista do carro de reportagem (Mattos; Zuculoto, 2017).

Além disso, a Rádio Mulher inovou mais uma vez ao introduzir uma comentarista de arbitragem, Léa Campos, na transmissão de partidas de futebol. Esta iniciativa foi vista como revolucionária. Por exemplo, a TV Globo só foi colocar um homem comentarista de arbitragem em 1989 (BBC News Brasil, 2023, recurso online).

No início a Rádio Mulher sofria críticas mas aos poucos foi conquistando seu espaço.

A iniciativa recebeu algumas críticas, em razão do preconceito existente no ambiente, até então de hegemonia masculina, de que mulher não entende de Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017 8 futebol e muitos desacreditaram do sucesso da equipe. No entanto, com a aceitação do público que acompanhava as transmissões nos estádios, com o aumento da própria audiência e, consequentemente, retorno financeiro através da venda de espaços publicitários, elas foram se fortalecendo e transformando o gênero esportivo brasileiro. (Mattos; Zuculoto, 2017, p.7-8).

Apenas no final da década de 1990, tivemos uma mulher narrando um jogo na televisão brasileira. Quem realizou este feito foi Luciana Mariano, jornalista que está atualmente na ESPN narrando jogos e participando do programa Mina de Passe¹⁰. Ela venceu um concurso da Rede Bandeirantes, que buscava uma voz feminina e narrou o Torneio Primavera, competição do futebol feminino entre times do Rio de Janeiro (Espn, 2018, recurso online). A jornalista destacou, em uma entrevista para o EspnW¹¹, em 2018, que busca ser referência para outras mulheres.

¹⁰ Mina de Passe é um programa semanal que debate sobre futebol feminino.

¹¹ Site da Espn Brasil. Disponível em: <https://www.espn.com.br/espnw/>

Narrar futebol foi o maior desafio que já enfrentei até hoje. Eu não tinha nenhuma referência de mulher narradora na TV. Eu não tinha para quem olhar. Quem vou imitar? Na dúvida, no começo, você imita alguém até criar um estilo próprio. Todos os meus exemplos eram masculinos. E agora, quero oferecer o que eu não tive (Espn, 2018, recurso online).

Luciana ficou 19 anos sem narrar, ela relata que não largou o jornalismo, mas precisou abandonar a narração por falta de oportunidade. “Um repórter recebeu a promoção para narrador e me retiraram o cargo de narradora para me tornar repórter. Mas eu disse ‘não’, passando a ter um programa ao invés disso” (Claudia, 2023, recurso online). Depois de muitos anos, Luciana enxerga que a situação vivida foi causada pelo machismo que existe no setor (Claudia, 2023, recurso online). Em março de 2024, Luciana chegou a mais uma marca importante: narrar 1000 jogos.

A jornalista Regiane Ritter foi a primeira mulher a ser repórter de campo e comentarista esportiva. Ela trabalhava na Rádio Gazeta de São Paulo. Regiane se destacou ao participar do Mesa Redonda Debate, da TV Gazeta, e também trabalhou na cobertura de três Copas do Mundo. “Era bem informada e entendia do assunto. Tanto que suas claras demonstrações de conhecimento causam até hoje lembranças carinhosas em homens apaixonados por futebol” (Coelho, 2024, p.36).

Nesta mesma época, a restrição de mulheres cobrindo esporte teve fim, mas o preconceito em relação à opinião feminina ainda era levado em consideração.

A partir dos anos 1980, deixou de haver restrição às mulheres repórteres de futebol. O que sobrou foi o preconceito contra a opinião feminina. Nenhum preconceito se justifica. É um julgamento como a própria palavra encerra. Mas há um sentido no tal preconceito. Verifique nas rodas de amigos, em bares e festas pelo Brasil, o número de homens que conversam sobre futebol. Compare com o número de mulheres. Essa minoria das que se debruçam sobre o assunto é o que ainda produz desconfiança em alguns (Coelho, 2024, p. 36).

As mulheres começaram a ocupar mais espaço dentro das editorias esportivas, nas décadas de 80 e 90, sendo um período fundamental para a luta delas por mais espaço dentro do jornalismo esportivo brasileiro.

Mylena Ciribelli e Isabela Scalabrin são outros exemplos de jornalistas consideradas pioneiras no campo esportivo da televisão brasileira. Scalabrin se tornou a primeira jornalista esportiva da TV Globo, em 1980, e foi uma das primeiras

mulheres a cobrir esportes e fazer matérias sobre futebol na televisão brasileira. Ela cobriu Olímpiadas e Copa do Mundo, e também apresentou o Globo Esporte, Esporte Espetacular e Fantástico (Miranda; Silva, 2017).

Ciribelli iniciou sua trajetória na TV atuando nos boletins Olímpicos, em 1988, na TV Manchete. Em 1991, a jornalista foi a primeira apresentadora do programa Esporte Espetacular, da TV Globo (Baggio, 2012).

Nos anos 2000, a jornalista Vanessa Riche, realizou transmissões esportivas na narração no canal Sportv, em Jogos Pan-Americanos e Olimpíadas.

Depois de alguns intervalos na narração feita por mulheres, em 2014, Renata Silveira se tornou a primeira a narrar um jogo da Copa do Mundo de Futebol Masculino, ela venceu o concurso “Garota da Voz”, da Rádio Globo do Rio de Janeiro. O jogo separado para ela foi Uruguai x Costa Rica, que terminou 3 a 1 para os costarriquenhos.

Além disso, Renata Silveira, em dezembro de 2020, se tornou a primeira narradora contratada do Grupo Globo¹², também deu o pontapé inicial nas narrações de Copa do Mundo masculina, feita por mulheres na TV aberta. Ela trabalhou na partida entre Dinamarca x Tunísia, pela fase de grupos do mundial do Catar, em 2022. A jornalista abriu a transmissão exaltando a importância daquele momento. “Pela primeira vez, depois de muitos anos, teremos uma narração feminina na Copa do Mundo em TV aberta. A Globo transmite Copas desde 1970. Então hoje é um dia muito especial” (Globo esporte, 2022, recurso online).

Mesas redondas¹³ são programas típicos do meio esportivo, e a primeira mulher a apresentar um programa nesse estilo foi a jornalista e ex-modelo Renata Fan, que começou a apresentar o Jogo Aberto, na Rede Bandeirantes, em 2007 (Oliveira, 2023, p.28).

Em 2018, o Esporte Interativo, atual TNT Sports Brasil, selecionou Vini Falconi para narração, através do concurso “A Narradora Lay’s”. Ela foi a primeira brasileira a narrar, do estádio, um jogo da Liga dos Campeões da Europa, a partida entre Real Madrid e Bayern de Munique. Porém, enquanto ela narrava no canal

¹² Disponível em:

<https://ge.globo.com/futebol/noticia/globo-contrata-renata-silveira-primeira-narradora-da-historia-da-e-missora.ghtml>

¹³ Nas mesas redondas determinados temas são debatidos por convidados e comentaristas, e um apresentador fica responsável por fazer a mediação. (Oliveira, 2023, p.28)

secundário da emissora, André Henning, fazia o mesmo no canal principal. (Ferro, 2021, p.10)

Na área dos comentários, a primeira mulher a comentar na televisão aberta, foi a jornalista Ana Thais Matos, em 2019. Ela participou da partida entre Santos e Athletico Paranaense, pelo Campeonato Brasileiro, na TV Globo. Durante entrevista para o UOL, a jornalista destacou o caminho que fez no Grupo Globo para chegar até este marco.

É muito especial ser vanguarda dentro de um grupo de mídia tão grande como a Globo. Tudo isso veio desde o Campeonato Paulista masculino, em fevereiro, quando comecei a comentar jogos, passou pela Copa do Mundo feminina e chegou a esse momento. Foi fruto de trabalho, dedicação, empenho e de pessoas que acreditaram no processo, em ciclos que se renovam (Uol, 2019, recurso online).

Ana Thaís entrou para história mais uma vez. Ela foi a primeira a comentar, na televisão aberta, um jogo da seleção masculina na Copa do Mundo, a partida entre Brasil e Sérvia na fase de grupos do Mundial de 2022 (Jovem Pan, 2022, recurso online).

Referindo-se à Faculdade de Comunicação da UFJF, temos na história da Rádio Facom, o programa Gandula, sugerido e apresentado somente por mulheres: Laís Duarte, Mônica Sousa e Renata Capelano, enquanto ainda eram estudantes, elaboraram e colocaram em prática o programa sobre os esportes, principalmente sobre futebol.

Além dessas referências já citadas, é válido abordar também, “no que diz respeito ao pioneirismo de mulheres na cobertura esportiva, as “Dibradoras”¹⁴, expoentes na difusão do jornalismo esportivo nas plataformas” (Oliveira, 2023, p.28). É uma iniciativa independente de mulheres que surgiu em 2015, como um blog, e o time é formado até hoje por duas jornalistas, Renata Mendonça e Roberta Nina, e a publicitária, Angélica Souza. Elas têm como lema “lugar de mulher é no esporte!” (Dibradoras, recurso online)

O “Dibradoras” é um canal de mídia e uma produtora de conteúdo, que tem como foco as mulheres no esporte:

¹⁴ Disponível em: <https://dibradoras.com.br/>

Enquanto a mídia tradicional esportiva faz 97% da sua cobertura focando em esportes masculinos – e dedica só 3% aos esportes femininos -, nós fazemos 100% da nossa cobertura focada no protagonismo das mulheres no esporte. Porque a gente precisa começar a contar a história delas para que meninas possam se inspirar e aprender desde cedo que os campos, as quadras, os tatames, as piscinas, as bancadas esportivas, e resumindo, o esporte também é lugar delas (Dibradoras, recurso online).

Atualmente, as mulheres vêm conquistando cada vez mais espaço dentro do jornalismo esportivo brasileiro, embora ainda exista um caminho longo a ser percorrido para que as redações, emissoras e canais independentes tenham uma quantidade pareada entre homens e mulheres. O Grupo Globo, principalmente no Sportv, dá destaque para as mulheres, temos apresentadoras, narradoras e comentaristas, mas outras emissoras também têm mulheres em suas equipes. Separamos algumas dessas profissionais que são destaques na área, algumas até já foram citadas neste trabalho.

No universo das narradoras temos Renata Silveira, Natália Lara e Isabelli Morais (Grupo Globo); Milla Garcia e Luciana Mariano (ESPN).

Ana Thais Matos, Renata Mendonça e Jéssica Cescon (Grupo Globo); Mariana Pereira (ESPN) são exemplos de comentaristas esportivas. Por mais que Aline Calandrin¹⁵ seja ex-jogadora, ela vem se destacando ao comentar em programas e jogos.

Tratando-se de apresentadoras temos Renata Fan (Band); Daniela Boaventura e Mariana Spinelli¹⁶ (Espn); Taynah Espinoza (TNT Sports); Bárbara Coelho¹⁷, Camila Carelli e Mariana Fontes (Grupo Globo).

¹⁵ Aline Calandrin foi jogadora de futebol e contratada pelo Grupo Globo no final de 2022.

¹⁶ Mariana Spinelli às vezes comenta em jogos de futebol feminino e no programa Mina de Passe.

¹⁷ Em algumas oportunidades, Bárbara Coelho comenta programas no Sportv.

3. O PODCAST NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

O podcast tornou-se um dos formatos de mídias mais populares e acessíveis da atualidade, através de dispositivos eletrônicos e aplicativos em smartphones. A PodPesquisa 2024-2025¹⁸, com base nos resultados e na distribuição demográfica do Brasil, apresentou uma estimativa de que o país tenha aproximadamente 31,94 milhões de ouvintes de podcasts. Este número confirma a relevância deste meio comunicacional na rotina dos brasileiros. Neste capítulo, desenvolvemos problematizações conceituais sobre podcasting e abordamos as principais características do que Bonini (2020) considera a “Segunda Era do Podcasting”. Além disso, há uma explanação sobre videocasts e o impacto dessas iniciativas nos dias atuais, em plataformas, como o Youtube.

3.1. O que é Podcast?

O termo “podcasting” surgiu em fevereiro de 2004 e foi criado originalmente pelo jornalista Ben Hammersley em um artigo para o diário The Guardian. O nome é uma combinação das palavras “broadcast”, que significa transmissão, e “pod” referente ao iPod, aparelho da Apple e a prática de escuta de áudio em mídias portáteis (Bonini, 2020, p.14). Neste contexto introdutório, é importante esclarecer a diferença de podcasting e podcast. “Podcasting é o processo comunicativo que produz e distribui conteúdos sonoros digitais (programas, episódios, arquivos) chamados de podcasts. Estes são produzidos por pessoas identificadas como podcasters” (Chagas; Silva, 2021, p.4).

No ano de 2006, o pesquisador britânico Richard Berry afirmava que, em 2004, em uma pesquisa realizada pelo Google, o termo podcast foi procurado apenas 6 mil vezes, enquanto em novembro do ano seguinte os resultados chegaram a 61 milhões. (Berry, 2006, p.144 apud Vicente, 2018, p.88). Já em fevereiro de 2018, ano que o texto de Vicente foi publicado, foram 104 milhões de buscas.

Marcelo Kischinhevsky (2024) classifica o podcasting como uma modalidade radiofônica sob demanda, que integra o campo geral que ele chama de “rádio expandido”.

¹⁸ Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2024/10/PodPesquisa_2024_2025FINAL-1.pdf

Meio de comunicação sonora que se hibridiza, transbordando das ondas hertzianas para diversos suportes (TV por assinatura, sites de redes sociais, plataformas de streaming) e dispositivos (telefonia móvel, computador, *smart speakers* - alto-falantes com tecnologia embarcada de inteligência artificial acionado por voz). Esse rádio expandido, de caráter multiplataforma, encontra diversos canais de distribuição circulação, como o podcasting, que ganha crescente importância no mercado de mídia sonora (Kischinhevsky, 2024, p.39).

No início, suportes não hertzianos¹⁹ como web rádios ou podcasting não eram considerados radiofônicos. Mas, atualmente, o caminho é que seja aceito o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa voz, música, os efeitos sonoros e o silêncio, não importando a que suporte tecnológico esteja vinculada.

A partir disso, podemos compreender o podcast como uma categoria de radiofonia e, assim como as produções para o rádio, o podcast utiliza trilhas sonoras, locuções e tantas outras características significativas de seu antecessor. As maiores diferenças relacionam-se à sincronicidade, não existentes no podcast e ao *on demand*²⁰.

A prática inicial do podcast estava ligada “essencialmente à distribuição de arquivos de áudio pela internet para download e posterior reprodução” (Vicente, 2018, p. 90). Ainda em um momento embrionário da criação dos *smartphones*, esses aparelhos portáteis realizavam apenas downloads e ainda configuravam a prática básica para os ouvintes.

Para que o formato podcast fosse criado, foi essencial o surgimento dos aparelhos portáteis e das plataformas digitais, pois possibilitaram maior mobilidade e novas formas de consumo do conteúdo radiofônico. Dessa maneira, o formato RSS²¹ tornava a distribuição dos episódios mais simples, os usuários podiam fazer uma assinatura e receber as atualizações sobre os programas de forma automática (Vicente, 2018).

Atualmente, os podcasts não dependem exclusivamente do feed RSS, eles são distribuídos e consumidos de diferentes formas, tudo devido ao auxílio de novas

¹⁹ Hertzianos é relativo à região de frequência das ondas de rádio (Dicionário inFormal, recurso online).

²⁰ “On demand” é um serviço que o usuário pode acessar quando quiser e onde estiver (Hotmart, 2023, recurso online).

²¹ RSS significa Really Simple Syndication” (Sincronização Realmente Simples) é um formato de áudio usado para distribuir conteúdo na internet, como notícias, atualizações de blog e podcasts. Ele permite que os usuários se inscrevam em um site e recebam automaticamente as atualizações mais recentes do seu conteúdo sem ter que visitar o site em si (Hosting Tutoriais, 2023, recurso online).

tecnologias. Citando como exemplo: as plataformas de *streaming*²² (mecanismos digitais que permitem a conectividade e a troca de dados, como Spotify, Deezer e SoundCloud), criados na década de 2010.

A base tecnológica sofreu mudanças significativas, o que contribuiu para uma maior distribuição de podcasts. Vicente (2018) aponta como motivo principal o desenvolvimento e o maior uso dos *smartphones*. O autor também destaca que as plataformas de *streaming* permitem ter uma escuta *online* e *offline*, ultrapassando os *downloads*.

Em primeiro lugar, a popularização dos *smartphones* e de outros recursos de acesso à internet móvel, associada ao aumento de sua cobertura e velocidade, levaram a uma mudança da lógica do download para a do *streaming*. Com isso, de um modo geral, a prática do download dos arquivos de mídia e posterior reprodução foi substituída pela audição online do episódio de um determinado podcast, seja com a utilização de um computador ou *smartphone* – diretamente do site de seus realizadores –, ou de um dos muitos agregadores de podcasts hoje existentes (Vicente, 2018, p.90).

Ainda nesta direção, é importante complementar que “o podcast traz a possibilidade da democratização da produção e do consumo de conteúdo radiofônico via internet e/ou dispositivos móveis, além de dar espaço a novos atores sociais que buscam diferentes formas de expressão” (Viana, Winter, 2020, p.1).

A PodPesquisa, realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (ABpod), é um dos principais movimentos que pesquisam sobre a cadeia produtiva de podcast no Brasil. Em 2018²³, em parceria com a Rádio CBN, a PodPesquisa realizou o levantamento da quantidade de ouvintes, produtores e não ouvintes de podcast no país. O formulário obteve 22 mil respostas sendo, até aquele momento, a maior pesquisa já realizada sobre o mundo de podcasts no país.

A PodPesquisa Produtores 2020-2021²⁴ apresentou a estimativa de mais de 30 milhões de ouvintes no território nacional, na pandemia da Covid-19. Além disso, 54,21% dos produtores estavam localizados na região Sudeste e com mais de 35% no estado de São Paulo.

²² Streaming é a tecnologia que permite transmissão de vídeo e áudio pela internet, sem necessidade de fazer download (Techtudo, 2023, recurso online).

²³ Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa/>

²⁴ Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa/>

A partir das classificações de podcast já existentes, Simone Figueiredo e Mayra Trinca (2022) promoveram um debate sobre uma nova classificação para podcasts nacionais, separando-os em duas categorias principais: Conversados e Seriados.

As autoras destacam que “não há aqui a pretensão de classificar todos os podcasts ativos, apenas estabelecer categorias que possam contribuir para a delimitação de objetos de estudo em pesquisas futuras” (Figueiredo; Trinca, 2022, p.5). As categorias propostas por Simone Figueiredo e Mayra Trinca se baseiam nos trabalhos de Berry, 2020; Viana; Chagas, 2021; Figueira; Bevílaqua, 2022 apud Figueiredo; Trinca, 2022 e na escuta atenta e frequente de diversos podcasts brasileiros. Conforme apontam as estudiosas (2022, p.5), os programas podem, então, ser classificados em duas categorias maiores, subdivididas em 4 diferentes formatos, colocados a seguir:

1. Conversados: o programa consiste em uma conversa entre duas ou mais pessoas.
 - a. Mesacast: o diálogo segue um formato central, apesar da presença de convidados, o foco principal é um tema específico.
 - b. Entrevista: o foco principal do diálogo está na pessoa entrevistada, pode ter diversos assuntos abordados, mas a história/formação do convidado é essencial para o andamento do episódio.
2. Seriados: o programa é uma narração com um roteiro estruturado.
 - a. Jornalístico: A narração segue uma pauta, ou seja, um assunto específico. Até podem aparecer vozes de pessoas de fora, que fazem o papel de fontes de informação.
 - b. Narrativas: Uma história que guia o programa, no qual são apresentados os personagens bem definidos, que executam diversas ações ao longo do programa.
 - i: De realidade: a história contada é real.
 - ii: Ficcionais: a história retratada é uma ficção.

As duas categorias de podcasts, Seriados e Conversados, se diferenciam, principalmente, pelo processo de escuta:

O processo de escuta demanda mais engajamento e atenção concentrada do usuário, seja para compreender o conteúdo proposto devido ao tempo de exposição – já que existem podcasts de storytelling com duração superior a 60 minutos –, seja para dar seguimento ao fluxo narrativo – uma vez que, para conhecer a história por completo, é necessário acompanhar os programas de forma seriada (Alves; Lopez, 2019, p.5)

No curso dessas divisões, as pesquisadoras explicam, também, que “dentro das categorias principais, a classificação separa os programas pelo seu objetivo, o foco principal do episódio, que pode ser um tema, uma pessoa ou uma história.” (Figueiredo; Trinca, 2022, p.6)

Os Conversados são dialogados, conhecidos popularmente como bate-papo. Para começar a falar sobre esse tipo de podcast, trouxemos dois exemplos de Mesacat: o podcast Nerdcast²⁵, da Jovem Nerd, e Xadrez Verbal²⁶, da Central 3 Podcasts, que podem ser considerados programas famosos no cenário nacional, e em cada episódio os apresentadores debatem um assunto central. Quando os convidados estão presentes, a discussão gira em torno de um tema central de forma independente da história de vida do entrevistado.

O Mano a Mano²⁷, do Spotify, e o Ilustríssima Conversa²⁸, da Folha de São Paulo, se caracterizam como um podcast de entrevista, já que o convidado ali presente, ou trabalho desenvolvido por ele, é o centro da conversa. A diferença entre os tipos de Conversados está marcada no título do episódio, os de Entrevista apresentam o nome do entrevistado e os Mesacasts tem o tema como título.

“Os podcasts Conversados foram os primeiros a aparecer e se popularizar, principalmente por sua facilidade de produção – que exige pouco mais que um microfone e um programa de edição de som” (Silva; Santos, 2020 apud Figueiredo; Trinca, 2022, p.6).

Os do tipo Seriados são divididos segundo o seu foco principal. Uma das diferenças mais relevantes entre os Jornalísticos e os Narrativos é a forma como as fontes são apresentadas. O primeiro utiliza entrevistados como fonte de

²⁵ Disponível em:
<https://open.spotify.com/show/22Wgt4ASew8mmoqAWNUn1?si=ndlalknDQ5GQ3UyyyuBNGw>

²⁶ Disponível em:
https://open.spotify.com/show/5uS1rMEtMHBmJhW2ruHRuH?si=wHeviH6zQDOf_ZOfVqHkOg

²⁷ Disponível em:
<https://open.spotify.com/show/0GnKiYeK11476CfoQEYIEd?si=fBPY2cEASX6pT5IIgMDcJA>

²⁸ Disponível em:
https://open.spotify.com/show/0bVIxWvPP4ztqw2NQ01z2j?si=1BM-3i7QT2K_WLjSAalxVA

informações, validada pelas instituições que representam; já no segundo os personagens são representados por seu modo de sentir e agir no mundo.

Nos Jornalísticos, o guia do episódio é um assunto principal, que é destinchado ao longo dos episódios, no modelo de uma reportagem jornalística. Os famosos Café da Manhã²⁹, produzido pela Folha de São Paulo, e Rádio Escafandro³⁰, de Tomás Chiaverini, são exemplificações desse tipo de podcast.

O podcast Narrativo descreve os personagens bem definidos e suas ações dão corpo ao episódio, dessa forma sendo fundamentais para o desenvolvimento da história. O Podcast da Folha A Mulher da Casa Abandonada³¹, e o Tempo Quente³², da Rádio Novelo, pertencem ao formato Narrativo. “Que ao longo de um programa ou de uma temporada, exploram histórias reais, ambientadas em locais bem determinados e com personagens essenciais para o desenvolvimento das histórias contadas” (Figueiredo; Trinca, 2022, p.8).

Apesar da maioria dos podcasts Narrativos contarem histórias reais, no Brasil surgiram ficções em áudio. Também temos exemplos de programas que exploraram este modelo de narrativa: O Madê vai ao Chico³³, produzidos por Erika Rohlfs e Thiago Gazzinelli, e o Sons & Drinks³⁴, da B9.

O cenário brasileiro, conforme comprovado pelo rankings do Spotify, revela a multiplicidade e popularidade dessa nova categoria de produção sonora, enfatizando a capacidade do podcast ganhar e se destacar na era digital. Todas essas classificações conceituais e práticas estão, portanto, interligadas ao cenário do que podemos hoje chamar de rádio expandido.

²⁹ Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/6WRTzGhq3uFxMrxHrHh1lo?si=sYytZJozSg-fUP1LZce9fQ>

³⁰ Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/2Jonxe5ibaFY0iw7Czyioj?si=96K36Xx3Qf-BqJ4uLu0YJw>

³¹ Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/0xyzsMcSzudBlen2Ki2dqV?si=Svik6vF9RGqHPL9k-65Z8A>

³² Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/5g1iYnkOFGdve9eAr8Ag43?si=HbCTWn8OSsil-Ov6ORyjMg>

³³ Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/7erSc67TQSvJdN2JG6uHwd?si=qL2HbPI9TgaSwOgcIKHouQ>

³⁴ Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/46v1QCWZ6ktg7PdDkYZTqH?si=sT0mkLoLTTGIV2GklrEP1w>

3.2. Rádio Expandido

Viana e Winter (2020) destacam que os meios de comunicação tiveram que se transformar, adaptar e expandir para se manterem na realidade que estão inseridos, devido às mudanças sociais, políticas, econômicas e tecnológicas. E o rádio está inserido neste contexto.

Com a popularização do celular e de outros dispositivos móveis e com o maior acesso à internet, o rádio não é mais consumido somente pelas ondas hertzianas do *dial*. Dessa maneira, Marcelo Kischinhevsky, provocado pelo colega Luiz Artur Ferraretto, desenvolveu o conceito de rádio expandido³⁵.

Kischinhevsky prefere usar o conceito de “rádio expandido” em vez de “estendido”, “para não criar confusão com o FM estendido, recente processo de ocupação do espectro de radiofrequência entre 76 MHz e 88 MHz, ampliando a antiga faixa de Frequência Modulada antes restrita ao intervalo 88 MHz e 108 MHz” (Kischinhevsky, 2021, p.3).

De acordo com Viana (2017), esse rádio expandido não se refere apenas a novos espaços ocupados, mas também “possibilita novas estratégias narrativas ao utilizar linguagens diferentes daquelas encontradas no rádio hertziano e ao usufruir das opções potencializadas de interação que a plataforma proporciona” (Viana, 2017, p. 60). Viana destaca que os elementos narrativos são usados de acordo com o meio que está inserido, seja ele internet, redes sociais ou aplicativos em smartphones.

Marcelo Kischinhevsky (2011) fez uma cartografia das diferentes modalidades divididas entre distribuição, recepção e circulação. A distribuição e transmissão são pensadas no rádio de um forma geral, com o transmissor em ondas *hertzianas*, digital ou via internet. Nesse caso, ele defende que seja sem custo. Também há o rádio por assinatura com decodificação via satélite, no qual é necessário pagar para acessar o conteúdo. Para finalizar, temos ainda os “serviços radiofônicos de acesso misto”, que é a disponibilidade de navegar em portais que podem garantir espaços exclusivos para assinantes.

A recepção, segundo Kischinhevsky (2011), se dá de duas formas: assíncrona e síncrona. Na primeira, o acesso é sobre demanda, com o material que é disponibilizado pelos portais para escuta no momento ou através do *download*, como

³⁵ Conceito já definido na página 27 deste trabalho.

o *podcasting*. A segunda tem como característica a transmissão em *broadcasting* no analógico, no digital ou pelo *streaming online*.

Para Kischinhevsky (2011), a circulação dos conteúdos radiofônicos pode ocorrer de maneira aberta e restrita.

Quanto à circulação: a) Aberta – Em transmissões analógicas ou digitais, com ou sem streaming, em plataformas de livre acesso – emissoras AM/FM em ondas hertzianas, web rádios, podcasts disponíveis em sites e/ou diretórios que não cobram assinatura, portais de mídia sonora em geral; b) Restrita – Em serviços de microblogging, mídias sociais de base radiofônica e em diretórios de podcasting e/ou web rádios nos quais é necessário se inscrever/cadastrar ou ser convidado, mesmo que o acesso seja gratuito (Kischinhevsky, 2011, p.12).

Sob o olhar desses estudiosos, é válido ressaltar que o rádio nunca morreu, pois soube se adaptar às transformações impostas pelos avanços tecnológicos. Neste sentido, pode-se dizer “que o celular³⁶ de hoje é o radinho de pilha de ontem” (Mustafa, 2017, p.218).

Devido às suas adaptações, este meio de comunicação continua sendo ouvido pelos brasileiros. De acordo com a pesquisa Inside Audio 2024, realizada pela Kantar Ibope Média, 79% da população brasileira ouve rádio e os habitantes dedicam em média 3 horas e 55 minutos diários ao consumo do meio (Globo, 2024).

Com certeza sem o rádio e suas características, não existiria o formato de áudio por demanda e assíncrono como o podcast. Chagas e Silva (2021) consideram o podcast uma mídia sonora com identidade, linguagem e o universo radiofônico que faz o uso de tecnologias digitais, como a internet, para ser produzida e divulgada.

A produção dos episódios, que pode ser feita por qualquer pessoa de qualquer lugar, trabalha com o imaginário de liberdade e democracia no polo emissor. Mas este mesmo imaginário pode ser considerado quando o ouvinte acessa o podcast onde, quando, como e quantas vezes quiser (Chagas; Silva, 2021, p.15-16).

No próximo tópico iremos falar sobre A Segunda Era do Podcasting, determinada pelo italiano Tiziano Bonini (2020). Falaremos quando esta era iniciou, que foi nos Estados Unidos, em 2012, e como começou no Brasil.

³⁶ Já que através de um celular é possível sintonizar uma emissora. (Mustafa, 2017, p.218)

3.3. A Segunda Era do Podcasting

Tiziano Bonini (2020) acredita que, a partir de 2012, entramos na “segunda era” do podcasting. Época marcada e debatida também por outros pesquisadores como a era caracterizada por uma emergência de grandes produtoras, redes de podcasts, plataforma de monetização e consumo massivo.

Rapidamente evoluindo de comunicação de nicho, inspirada por um ativismo digital, para um meio massivo, viabilizado pelo desenvolvimento de plataforma de financiamento coletivo e de monetização de conteúdo em áudio digital e do que ele chama de redes sociais de base sonora (ou “serviços de rádio social”, como prefiro chamá-los), assim como a universalização dos *smartphones* e a crescente oferta de podcasts altamente sofisticados (Kischinhevsky, 2024, p.46).

“A segunda era” caracteriza-se “pela transformação do podcasting numa prática produtiva comercial e num meio massivo e começa nos EUA em 2012, com o lançamento dos primeiros modelos de negócios capazes de apoiar a produção independente e o consumo de conteúdo sonoro destruído por meio do podcasting” (Bonini, 2020, p.13).

Esta fase iniciou-se quando alguns podcasts famosos da rádio pública passaram a ser independentes das emissoras de origem, passando a ser financiado 100% por seus ouvintes, por meio de novas plataformas de financiamento coletivo como Kickstarter. Mas, esta plataforma não é a única de financiamento que é possível encontrar e os Estados Unidos não é o único país em que estas campanhas funcionam.

Desde 2012, um número crescente de programas trocou a tradicional distribuição, via rádio, e adotou o podcasting financiado por ouvintes como uma forma de distribuição e suporte ao trabalho. “O rádio público, tanto na América como na Europa, formou uma geração de produtores radiofônicos baseados na contação de histórias que, hoje em dia, vêm se afastando dessas emissoras para investir em programas independentes” (Bonini, 2020, p.24).

A Rádio Ambulante se encaixa neste cenário, os episódios da rádio são veiculados também em emissoras AM e FM filiadas à NPR³⁷. Já foram produzidos

³⁷ NPR significa National Public Radio (Rádio Pública Nacional dos Estados Unidos) (Jornal da USP, 2024).

mais de 200 episódios com colaboradores de 20 países, que ganharam 12 premiações. Os episódios têm duração entre 15 minutos até quase 1 hora e não possuem relação entre si, a conexão entre eles é pelo inusitado, a quebra da rotina e de expectativa. Trata-se de um trabalho meticoloso e sofisticado, que guarda pouca semelhança com a produção radiofônica habitual e parece mais próximo de uma superprodução audiovisual” (Kischinevsky, 2024, p.49).

Mas quem foi responsável pela transformação do *podcasting* em um fenômeno *mainstream*³⁸ foi *Serial*³⁹, que é um podcast com formato de true criminal. A primeira temporada tem 12 episódios, com apresentação de Sarah Koenig, uma ex-produtora de *This American Life* e foi veiculada em 21 de outubro de 2014. A segunda temporada da série, com 11 episódios, foi disponibilizada no inverno de 2015-2016. Bonini (2020) destaca que *Serial* foi lançado por Ira Glass em *This American Life* e, a partir daí, ganhou popularidade. Quando o podcast é apresentado na Ira Glass, o produtor já pode esperar um grande crescimento no número de ouvintes (Bonini, 2020, p.25).

Diante disso, o sucesso das duas primeiras temporadas levou a produção de um *spin-off*⁴⁰, o podcast com sete episódios, que repete a fórmula já utilizada:

Ao enfocar um misterioso assassinato numa pequena cidade do interior do Alabama. Em março de 2017, *Serial* contabilizava nada menos que 250 milhões de downloads de suas temporadas (175 milhões só da primeira), e seus produtores comemoravam 16 milhões de downloads de *S-Town* em apenas uma semana. Logo viria uma terceira temporada de *Serial*, que investigou a disfuncional Justiça dos EUA. (Kischinhevsky, 2024, p.50-51)

Em 22 de julho de 2020, *Serial* foi adquirida pelo jornal *The New York Times*, que já tinha o costume de investir em podcasts jornalísticos, como por exemplo o *The Daily*, um dos mais ouvidos nos EUA. A quarta temporada de *Serial* foi lançada em março de 2024 e aborda a prisão da ilha de Guantánamo, conhecida por receber envolvidos com os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 (Folha de São Paulo, 2024, recurso online).

³⁸ Mainstream é um termo que se refere ao que é popular ou amplamente aceito pela maioria das pessoas em determinado momento (Comando Geek, recurso online).

³⁹ Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/5wMPFS9B5V7gg6hZ3UZ7hf?si=xM3AthIDS5WKOn52ik6uRwCN>

⁴⁰ Spin-off é um termo utilizado para se referir a uma produção derivada de outra (CNN, 2024, recurso online).

Para inserir o Brasil na Segunda Era do Podcasting, caracterizada por Bonini (2020), “é preciso entender dois momentos na podosfera brasileira: o sucesso do Caso Evandro e a entrada da Globo no mercado nacional de podcasts” (Chagas, Silva 2021, p.12). O caso Evandro⁴¹ (2018 e 2020) é uma ocorrência criminal que chocou o Brasil e o estado do Paraná. O menino Evandro Ramos Caetano, de apenas 6 anos, desapareceu na cidade de Guaratuba, em abril de 1992. O corpo da criança foi encontrado com sinais de violência poucos dias depois. A suspeita é que o menino foi sacrificado em um ritual satânico. A produção é do podcast Projetos Humanos, de Ivan Mizanzuk, e teve 36 episódios. O podcast Projeto Humanos é a principal referência de storytelling em podcasting no Brasil.

Storytelling é uma narrativa longa, informal, opinativa e pessoal , que resulta em proximidade e até certa intimidade entre narrador e ouvinte. Esse tipo de formato tem seu tom intimista reforçado pelos fones de ouvidos, que é um dos modos de escuta mais usados em podcasts. Por outro lado, Chagas e Silva, ao mencionarem Viana (2020), lembram que a maioria dos podcasts brasileiros é constituída no formato de debate com mediadores e debatedores ao vivo. Ademais, é considerado uma herança do rádio massivo e estratégia para deixar a produção mais barata (Chagas; Silva, 2021).

Sendo assim, os elementos oriundos do rádio contribuem para potencializar o *storytelling* em narrativas de podcasts.

Entre estas características, estão o caráter imersivo do áudio, na fala baseada na narração e descrição de ambientes e pessoas e na narrativa sinestésica, atingindo os cinco sentidos de quem está na audiência. Ou seja, o podcast que usa storytelling é uma produção sonora que lança mão de técnicas radiofônicas para se comunicar com o público ouvinte com mais eficácia e eficiência. (Chagas; Silva 2021, p.14)

O Projeto Humanos passou a integrar a grade da plataforma de streaming Globoplay⁴² em janeiro de 2021. Além disso, atualmente a plataforma tem um catálogo com mais de 220 podcasts. Entre eles estão *O Assunto*⁴³, com Natuza

⁴¹ Disponível em:

<https://open.spotify.com/playlist/7oSX5rezU0fHrhleBUyG9L?si=qu0VwN17QX6jGyk7k6koSQ&pi=4aTjZNscR6yv8>

⁴² Plataforma de streaming de vídeos e áudios da Globo.

⁴³ Disponível em:

<https://www.globo.com/podcasts/o-assunto-1/cd622068-ac39-4ce5-9481-a257cfe8e639/>

Nery; *Mamilos*⁴⁴, com Cris Bartis e Ju Wallauer; *Gringolândia*⁴⁵, com Allan Caldas, Caíque Andrade e Jorge Natan (Globo, recurso online).

Jorge Nóbrega, executivo do Grupo Globo, justifica a iniciativa de investir em podcasts. “Queremos estar com o consumidor no áudio, na mesma forma que queremos estar com ele no vídeo. São complementares” (Chagas; Silva, 2021, p.14-15). E, diante desta ideia de complementação, vamos abordar um pouco sobre essa tendência denominada videocast.

3.4. Videocast: a tendência do podcast em vídeo

O videocast pode ser considerado a versão em vídeo do podcast. Ao invés do público apenas ouvir o conteúdo, ele tem a possibilidade de acompanhar o vídeo e criar uma conexão com os *hosts* e os entrevistados.

Dessa maneira, o videocast se preocupa com a imagem: “o videocast é visual, é aparência. É um canal que permite que os ouvintes observem o entrevistado e o *host* do programa. O que por sua vez, causa interesse e provoca curiosidade no público” (Comunique-se, 2022, recurso online).

Os criadores de conteúdo, como Igor Cavalari (Igão) e Thiago Marques (Mítico), do Podpah⁴⁶, “descobriram como fazer podcasts funcionarem em uma plataforma que não foi projetada para eles, aproveitando o algoritmo de busca do YouTube para conhecer novos públicos, ganhar mais dinheiro” (The Verge, 2019, recurso online).

De acordo com a PodPesquisa 2024-2025, a produção em áudio ainda predomina, mas há um aumento significativo na criação de videocasts, que representam 40,96% da produção total no país. Outro dado que chama atenção é que o streaming Spotify continua sendo a plataforma preferida para consumo de podcasts, com 49,71% de preferência dos ouvintes, seguido pelo YouTube com 25,57%. Estes dados mostram que os videocasts estão se popularizando entre os brasileiros e a tendência é que se popularize ainda mais.

Assim como no podcast, os ouvintes e telespectadores podem ter acesso aos videocasts via computador ou dispositivo portátil: “o videocast é um meio de publicar

⁴⁴ Disponível em: <https://www.globo.com/podcasts/mamilos/0b38960b-fc54-45a8-9469-da537f4d6740/>

⁴⁵ Disponível em:

<https://www.globo.com/podcasts/gringol-ndia/bd1ead71-4331-49d4-be1d-15047ffe1392/>

⁴⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/@Podpah>

um conteúdo áudio-visual na rede, podendo ser baixado desde que o usuário esteja subscrito nos vários agregadores, recebendo automaticamente o videocast” (Leite, 2010, p.4).

Outra estratégia usada pelos criadores de conteúdo é criar um canal secundário no Youtube para postar alguns cortes ou clipes do episódio principal, fazendo o público encontrar o conteúdo que quer assistir com mais facilidade. “Os clipes coletivamente têm mais visualizações do que os vídeos em sua conta principal, apesar do canal de clipes ter vários milhões de inscritos a menos” (The Verge, 2019, recurso online).

No cenário brasileiro tem dois exemplos fortes disso, o Podpah, já citado neste trabalho, e o Poddelas⁴⁷, da influenciadora Tata Estaniecki. No primeiro caso, os episódios são ao vivo, que recebem o nome de *webcast*⁴⁸, e tem uma longa duração que, muitas vezes, chegam a duas horas. Posteriormente, os principais trechos são colocados no canal denominado Cortes Podpah [OFICIAL]⁴⁹. Já o Poddelas, passou por uma reformulação ano passado, no qual os episódios começaram a ser gravados e com uma duração menor. Também os melhores momentos, que chamaram atenção do público, são colocados no canal Cortes PODDELAS [OFICIAL]⁵⁰.

Toda essa conjuntura de conceitos e práticas relacionadas ao *podcasting* e ao podcast são base importante para a construção de nossa proposta para esse trabalho. Sendo assim, vamos apresentá-la agora no próximo capítulo.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/@PODDELASoficial/videos>

⁴⁸ Webcast é quando a gravação do videocast é transmitida ao vivo pela internet (Comunique-se, 2022).

⁴⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@CortesPodpahOFICIAL>

⁵⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/@cortespoddelasoficial>

4. APRESENTAÇÃO DO PODCAST “CONTRA-ATAQUE DELAS”

Neste capítulo apresentamos as etapas da produção do podcast “Contra-ataque Delas”, iniciativa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que foi baseado na presença da mulher no jornalismo esportivo, como foi relatado durante este trabalho. Explicamos os processos de planejamento, produção e pós-produção dos três episódios da série “A mulher no jornalismo esportivo: desafios e conquistas”.

Sou de uma família apaixonada por esporte, principalmente futebol, então sempre fez parte do meu dia a dia. Quando fui escolher minha faculdade levei a minha trajetória em consideração e escolhi fazer jornalismo, sonhando em trabalhar na área esportiva e tinha a certeza que meu TCC seria relacionado com esta temática.

Antes de entrar na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), comecei a me importar com a presença das mulheres no esporte e no jornalismo, e se tornou uma questão muito “cara” para mim. Então, no início da faculdade já sabia que queria falar sobre mulher no jornalismo esportivo, ainda sem ter uma ideia concreta do que poderia ser.

Conheci o professor Ricardo Bedendo, através da professora Marise Mendes, que me sugeriu procurá-lo na época que fazia a matéria de Pesquisa em Comunicação. Em 2022, convidei Ricardo para ser meu orientador e ele prontamente aceitou o convite, mas por motivos pessoais precisei dar uma pausa no TCC até 2024.

No ano passado, surgiu um convite do professor para que eu fizesse um trabalho prático, o podcast, em parceria com o “Footbyte: Núcleo de Estudos em Comunicação, Tecnologia e Futebol”, entrevistando jornalistas para falar dos desafios e conquistas das mulheres no jornalismo esportivo. Com o desejo de me desafiar e criar um portfólio, aceitei o convite.

De acordo com as categorias propostas por Simone Figueiredo e Mayra Trinca, destrinchadas no capítulo 3 “O Podcast no Mundo Contemporâneo”, o podcast Contra-Ataque Delas se encaixa na categoria Conversados e no formato Entrevista. O podcast tem o foco principal na convidada e sua história/formação é essencial para o andamento do episódio, características do formato Entrevista.

O Contra-ataque Delas vai além de ser apenas um podcast, ele invade o audiovisual e se tornou também um videocast, que pode ser encontrado no Youtube.

4.1. Por que “Contra-ataque Delas”?

A minha primeira ideia de nome foi “Escanteadas”, que significa abandonada, desprezada, deixada de lado ou mandando para escanteio, mas quando levei para o orientador, ele “abriu meus olhos” e falou que com este nome eu iria passar uma ideia contrária daquela que gostaria. Depois desta conversa, deixei “Escanteadas” de lado e realizei mais pesquisas, acabei não encontrando um nome que me agradasse.

Durante uma conversa com o orientador, na Rádio Facom, declarei que não gostaria que tivesse a palavra mulher no nome, porque existem vários outros podcasts que já utilizam. Enquanto conversávamos sobre possíveis nomes, Ricardo sugeriu “Contra-ataque” e para completar pensamos de forma conjunta no “Delas”. Assim, nasceu o nome do podcast, que passa a ideia que gostaria: a mulher está correndo atrás e está conquistando seu espaço nesta área que ainda tem a presença de muitos homens.

4.2. Logo e Cores

Com o nome decidido, o próximo passo foi a logo. Gostaria que a logo do meu trabalho tivesse profissionalismo, dessa forma, convidei minha amiga, também da Faculdade de comunicação, Mayara Fernandes, para me ajudar nesta missão, porque ela já tinha experiência em criar logos muito bonitas e que passam a ideia com clareza.

Primeiro conversamos pelo whatsapp, onde coloquei para ela algumas ideias para servir de base. Depois, ela, que não entende de futebol, fez uma busca profunda sobre elementos que também pudesse estar na logo. No dia 11 de julho de 2024, marcamos de encontrar em uma cafeteria da cidade para, de fato, começar a fazer a logo.

Mayara me mostrou algumas referências e eu apresentei outras a ela, mas, em conjunto, decidimos que seria interessante ter uma bola de futebol, um microfone

e setas para representar o contra-ataque, que são muito usadas no futebol para falar desta tática esportiva. Deste encontro, saímos com duas opções de logo:

Figura 1 - Opção 1 de logo para o podcast



Figura 2 - Opção 2 de logo para o podcast



No primeiro momento, a segunda opção seria a logo do podcast, que ainda seria adicionada cores para trazer mais vida. De surpresa, 3 dias depois, Mayara, de maneira inesperada, criou uma nova versão com apenas variação das cores:

Figura 3 - Nova verão logo com detalhe rosa



Figura 4 - Nova verão logo com detalhe verde



Gostei mais dessa versão. A minha preferida foi a logo com o detalhe rosa (figura 3), mas achei válido pedir a opinião do orientador para definir entre as duas. Ele também optou pela logo com fundo rosa, então ela se tornou a logo oficial do podcast. As logos foram feitas no programa Illustrator, da Adobe.

A composição da logo foi desenvolvida com o foco principal no nome “Contra-Ataque Delas”. O microfone foi escolhido como elemento central para

simbolizar a ideia de um podcast, enquanto a bola posicionada na parte superior do microfone complementa o conjunto, conectando-o ao tema do futebol. A cor vermelha foi selecionada por sua associação com o universo feminino, reforçando o conceito. A seta verde representa o movimento de um contra-ataque no futebol, sugerindo o vai e vem característico da jogada, além de remeter às cores do campo.

Na parte inferior do microfone, o destaque para o termo “Delas” em uma fonte maior reforça a ideia de que o podcast aborda o universo feminino. A base do microfone foi estilizada para lembrar um hífen, separando os elementos do nome do projeto. O espaço branco entre as palavras remete à estrutura da área de um campo de futebol, enquanto o fundo com uma caixa de texto adiciona profundidade e estrutura ao design.

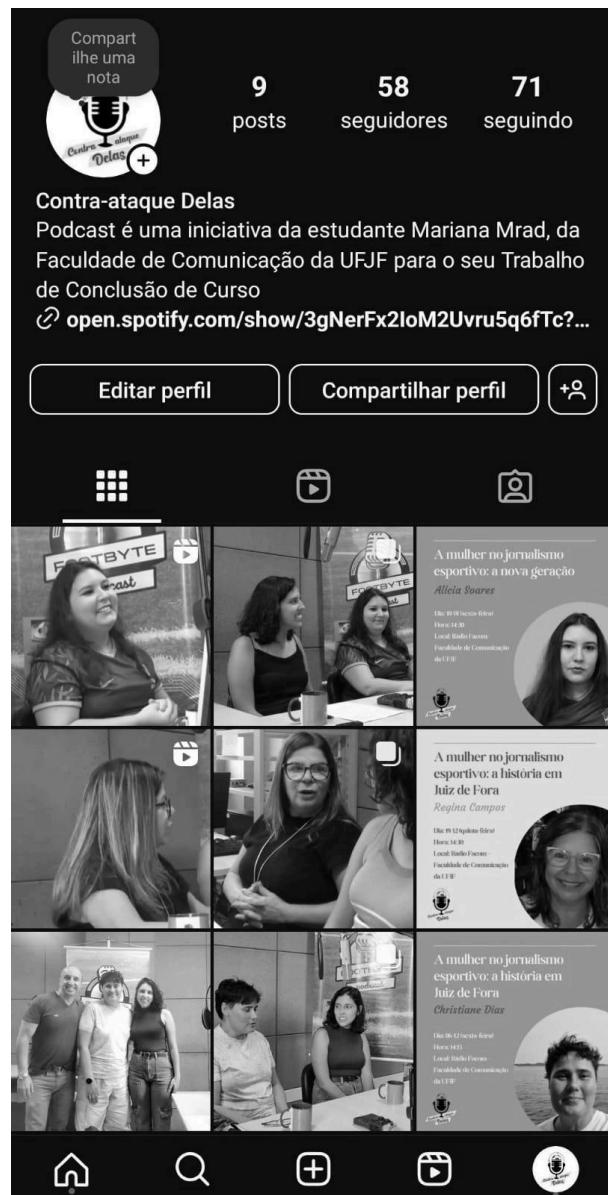
As cores verde, rosa, vermelho e preto foram utilizadas para reforçar o tema do TCC, que é voltado para a presença da mulher no jornalismo esportivo. O verde, em especial, faz alusão ao campo e é uma cor icônica do esporte.

4.3. Convidadas e episódios

No dia 3 de dezembro de 2024, criei um conta no Instagram para o podcast, @contraataquedelaspodcast⁵¹ para divulgar o trabalho.

⁵¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/contraataquedelaspodcast/>

Figura 5 - Print do instagram “Contra-ataque Delas”



Com o nome decidido e a logo criada, os esforços foram direcionados para decidir os convidados do podcast. Em conversa com o orientador, definimos que seriam 3 ou 4 episódios. A ideia inicial incluiu dois nomes: as jornalistas Regina Campos e Christiane Dias, pessoas com quem ele teve a oportunidade de trabalhar, e que foram pioneiras no jornalismo esportivo de Juiz de Fora.

Em 2023, já tinha entrado em contato com as duas, para participarem das entrevistas, que era a minha proposta anterior de TCC. Entrei em contato com Regina Campos, no dia 20 de novembro de 2024, que prontamente aceitou meu convite, mas o problema passou a ser a data. Sugeri 6 de dezembro, primeira data

reservada para gravação, mas ela estaria viajando. Em contrapartida, sugeriu a possibilidade de ser no dia 29 de novembro, mas o orientador não poderia. Diante do impasse, mudamos para 19 de dezembro, segundo dia separado para gravação. Com a Christine Dias foi mais fácil agendar. No dia 25 de novembro, entrei em contato com ela e marcamos para 6 de dezembro.

Pessoalmente, gostaria de entrevistar alguém do cenário nacional que me inspira. Estava na dúvida entre Mariana Spinelli e Bárbara Coelho, ambas apresentadoras de programas esportivos. Optei por Mariana Spinelli e entrei em contato por email⁵² três vezes e pelo instagram, mas não obtive sucesso.

Sempre tive o desejo de entrevistar alguém da nova geração, para trazer um ponto de vista diferente das outras convidadas que são mais experientes. Dessa forma, pensei em chamar minha amiga Alícia Soares, formada na Facom e atualmente aluna do mestrado. Deixei para falar com o orientador presencialmente, e, por coincidência, ele sugeriu o nome dela, durante uma conversa enquanto esperávamos Christiane Dias chegar. Ricardo e Alícia participaram da mesma sessão de apresentação de trabalhos no Encontro Regional de Comunicação, na Facom, e ele a convidou. Posteriormente, mandei mensagem para marcarmos a data e definimos 10 de janeiro, terceiro dia separado para gravação

No dia do primeiro episódio gravamos a vinheta de abertura e encerramento do podcast, no aplicativo Super Sound, que foi utilizado na edição do áudio. É importante destacar que os três episódios foram transmitidos ao vivo pelo Instagram do Footbyte (@footbyte)⁵³.

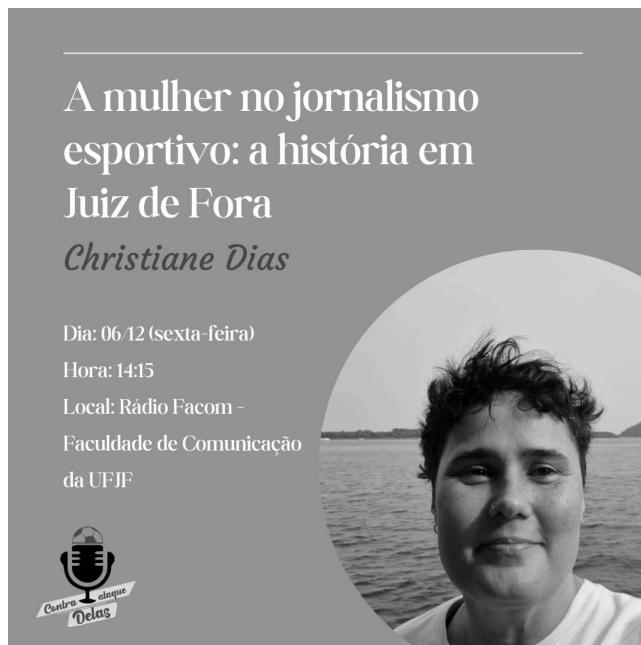
4.3.1. Christiane Dias

Antes de cada episódio fiz uma arte simples no Canva, seguindo a paleta de cores da logo, para divulgar a entrevista, com uma foto enviada pela respectiva convidada. Antes da publicação, Christiane aprovou a arte, que tem o fundo verde com escritos em branco e vermelho. Todas as artes seguintes foram produzidas com a logo oficial do “Contra-ataque Delas”.

⁵² Ricardo me indicou conversar com Junio, que trabalha na Espn, e ele conseguiu o email pessoal da Mariana Spinelli.

⁵³ Disponível em: <https://www.instagram.com/footbyte/>

Figura 6 - Arte para divulgar a gravação com Christiane Dias



Na semana da gravação, o orientador me mandou a pauta pronta⁵⁴, com o texto inicial de apresentação da convidada e com ótimas perguntas. Tive liberdade para mexer e acrescentar novas. O primeiro episódio foi gravado dia 6 de dezembro de 2024 às 14 horas e 15 minutos, na Rádio Facom, e durou aproximadamente 51 minutos.

O processo de edição foi dividido em duas partes: áudio e vídeo. Na parte do vídeo a edição foi simples, precisei apenas cortar o início e o final da gravação, para começar e terminar no momento certo. O vídeo foi dividido em duas partes pela câmera e a metade final do segundo áudio não foi reconhecida no Adobe Premiere, programa que estava sendo utilizado. Conversando com o professor, ele me sugeriu fazer no Capcut. Baixei este novo aplicativo no meu computador e, finalmente, consegui editar o vídeo.

Como já tenho familiaridade com o Premiere, fiz a edição de áudio⁵⁵ por ele também, mas tivemos um problema na gravação do áudio, pelo equipamento “zoom”, e só foi percebido posteriormente: os últimos 11 minutos não foram gravados e precisei retirar da parte do vídeo, tive o máximo de cuidado para não ficar perceptível.

⁵⁴ A pauta seguiu um modelo padrão para todas as convidadas.

⁵⁵ Busquei deixar o bate papo mais fluido, cortando alguns né e pausas bruscas, e adicionar as vinhetas no começo e no final do episódio.

Depois de todos os imprevistos solucionados, enviei para aprovação do orientador e pude publicá-los na tarde do dia 9, segunda-feira. O professor me sugeriu fazer um *reels* para divulgar o episódio no Youtube. Fiz e postei no mesmo dia dos demais. Também avisei a convidada que havia liberado o episódio.

Uma preocupação que tive foi publicar o vídeo e o áudio, 3 a 4 dias depois da gravação do episódio, para não perder o “*timing*”. Conseguí publicar os 3 episódios na segunda-feira seguinte da gravação.

No dia da gravação postei algumas fotos para avisar aos seguidores que havíamos gravado e, no dia da publicação no Spotify e Youtube, postei uma foto com Christiane e Ricardo para informar que já estava disponível.

Figura 7 - Registro feito durante a gravação com Christiane Dias



Figura 8 - Registro feito após a gravação com Christiane Dias



4.3.2. Regina Campos

A arte de divulgação do episódio com Regina foi aprovada e postada no dia 16 de dezembro. Diferente da arte anterior, nesta o fundo é rosa com escritos em vermelho e verde, sempre mantendo a paleta de cores pré estabelecida.

Figura 9 - Arte para divulgar a gravação com Regina Campos



Assim como no primeiro processo de produção, o orientador me mandou a pauta pronta, com o texto inicial de apresentação da convidada e com sugestões de perguntas. Da mesma forma que no primeiro episódio, tive liberdade para mexer e acrescentar novas. O segundo capítulo foi gravado dia 19 de dezembro de 2024 às 14 horas e 30 minutos, na Rádio Facom, e durou aproximadamente 1 hora e 19 minutos.

Diferente do processo de edição anterior, neste não tivemos problemas. Editei, tanto o vídeo como o áudio, no Premiere e foi tranquilo. Na parte do vídeo, cortei novamente o início e o final, para começar e terminar no momento adequado. Na parte do áudio fiz da mesma maneira, tendo só um pouco mais de trabalho pelo tamanho do episódio.

Na manhã do dia 23, enviei para o orientador e fui liberada para postar, o vídeo e o *reels*⁵⁶ no Youtube, e o áudio no Spotify. Avisei Regina das postagens para que ela pudesse divulgar, assistir e ouvir. No dia da gravação postei algumas fotos para avisar aos seguidores que havíamos gravado. E no dia da publicação, postei um *reels*⁵⁷.

Figura 10 - Registro feito durante a gravação com Regina Campos



⁵⁶ Preferi fazer os dois *reels* no Capcut por ser um programa mais leve, rápido e os vídeos serem menores.

⁵⁷ Fiz dois reels, um para postar no Youtube e outro para o Instagram.

Figura 11 - Registro feito após a gravação com Regina Campos



4.3.3. Alícia Soares

Para encerrar a série, gravamos o terceiro episódio com a jornalista da nova geração: Alícia Soares. A arte de divulgação foi aprovada pela convidada e postada no dia 7 de dezembro. Dessa vez, a arte foi igual da primeira convidada, com fundo verde e escritos em branco e vermelho.

Figura 12 - Arte para divulgar a gravação com Alícia Soares



Igual nos episódios anteriores, o orientador enviou a pauta pronta. O terceiro episódio foi gravado dia 10 de dezembro de 2024 às 14 horas e 30 minutos, na Rádio Facom, e durou aproximadamente 1 hora e 4 minutos.

A edição seguiu o padrão do segundo episódio, sem intercorrências, com o áudio sendo editado no Premiere, com objetivo de deixar a conversa mais fluida e, adicionando a vinheta de abertura e encerramento. Também editei o vídeo no Premiere e correu tudo nos conformes.

Na manhã do dia 13, enviei para o professor e com a aprovação pude postar, o áudio, o vídeo e o reels. Avisei Alícia das postagens para que ela pudesse divulgar, assistir e ouvir. No dia seguinte da gravação, postei algumas fotos para avisar aos seguidores que havíamos gravado. E no dia da publicação, postei um reels⁵⁸.

⁵⁸ Fiz dois reels, um para postar no Youtube e outro para o Instagram. Ambos foram editados no Capcut.

Figura 13 - Registro feito durante a gravação com Alícia Soares



Figura 14 - Registro feito após a gravação com Alícia Soares



Link dos episódios:

Episódio 1 - Christiane Dias

Spotify:

<https://open.spotify.com/episode/64pVx6DxUwQdRfj7KIIRVm?si=wiLhWukXQWKgG1Jj-Qu8xA>

Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=S_quhKo6T6c&t=5s

Episódio 2 - Regina Campos

Spotify:

<https://open.spotify.com/episode/2sq9G02m0MUT37tvQi9dyi?si=gMHtY9vHT-egSZ8sNDhY3w>

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=8BEU2C0vnEs&t=12s>

Episódio 3 - Alícia Soares

Spotify:

<https://open.spotify.com/episode/3WCoTI1VRLVNOO1uHcyq7r?si=8SU7s4pMTkjEyTW4929w>

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=y2zg6RLbs0A&t=4s>

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta produção foi pensada e idealizada com objetivo de mostrar os desafios e conquistas das mulheres no jornalismo esportivo, passando pela história até os dias atuais. Com isso, também foi realizado o trabalho prático de entrevistas com mulheres que trouxeram suas bagagens e histórias nesta área. Nos preocupamos em mostrar diferentes realidades, mas é válido destacar que existem muitas outras.

Com as pesquisas e leituras dos textos que estão nas referências bibliográficas pude estudar sobre a inserção das mulheres no jornalismo esportivo e que o preconceito e o assédio são realidades de muitas das profissionais. Ademais, me aprofundei um pouco no formato podcasting, que já fazia parte do meu dia a dia, e me desafiei a produzir um. E com os avanços tecnológicos, tive a oportunidade de fazer um videocast também.

Produzir o podcast “Contra-ataque Delas” me proporcionou uma experiência desafiadora e diferente das que já havia vivido dentro da faculdade. Pude colocar em prática conhecimentos que adquiri nas aulas e projetos da Facom, e aprender coisas novas com meu orientador e cada convidada. Neste momento, dou uma pausa no projeto com o desejo de quem sabe dar continuidade no futuro e tentar novas possibilidades, por exemplo entrevistar duas mulheres juntas e fazer entrevistas onlines, podendo entrevistar jornalistas de outros lugares do Brasil.

Preciso destacar a importância do Ricardo Bedendo em todo o processo do meu TCC, ele foi a primeira pessoa que acreditou no meu potencial e que eu conseguiria fazer um podcast de qualidade. Ricardo participou de todo o processo e me auxiliou em todos os momentos necessários, principalmente, antes da gravação do primeiro episódio.

No primeiro episódio, Christiane Dias falou sobre sua experiência em ser mulher trabalhando com o jornalismo esportivo. Ela comentou que muitas portas foram abertas para ela, primeiro o Márcio Guerra a convidou para trabalhar na rádio, depois ela foi para Tribuna. A jornalista que na época não enxergava todas as barreiras, mas ela notava um ar de desconfiança das pessoas sobre o seu trabalho, apenas por ser mulher. Além disso, Christiane destaca que não podia frequentar todos os espaços dentro dos clubes, como os vestiários, e gostaria que os dirigentes se abrissem mais com ela.

É interessante destacar que apesar do acolhimento que existia dentro da redação, sendo até uma surpresa para mim, o ambiente do jornalismo esportivo já delimitava o espaço da mulher na área. Dessa forma, já existia o preconceito e a desconfiança do trabalho que as jornalistas exerciam. Atualmente, houve uma grande evolução, pelas próprias mudanças na maneira de cobrir futebol e os outros esportes, mas muitas vezes a mulher ainda é vista com olhar de desconfiança pelos próprios companheiros.

Regina Campos, no segundo episódio, destaca que foi a primeira mulher a fazer parte da equipe de esporte a convite do Márcio Guerra e comenta se encontrou barreiras durante sua trajetória. A jornalista comenta que teve bons companheiros e foi tratada com muito respeito por eles, ela sabia que era inexperiente comparada aos outros profissionais e começou cobrindo o esporte amador, com o Mário Helênio. Regina não sabe se isso aconteceu por ser namorada do Marcelo Mat, porque sempre foi bem tratada e até viajava com os jogadores do Sport dentro do ônibus para as partidas.

Apesar de todas as dificuldades que ainda existem, a fala da Regina me faz ter esperança de que é possível ser mulher, trabalhar com jornalismo esportivo e encontrar pessoas que vão te acolher e te ajudar no caminho, não apenas te criticar e te menosprezar por ser mulher. Espero, de coração, que dentro do jornalismo esportivo, cada vez mais, as mulheres se apoiem e tenham jornalistas homens que estejam de braços abertos para receber as mulheres e contribuírem para que elas ocupem o lugar merecido.

Durante o terceiro episódio, Alícia Soares falou sobre as coberturas que marcaram sua trajetória e relata seus medos. Em 2024, ela teve a oportunidade de cobrir jogos da Libertadores e Sulamericana e destaca a cobertura do Fernando Diniz, treinador que gosta muito, que na época estava no Cruzeiro, mas comenta que não fez perguntas. Como a própria jornalista fala, Diniz não é um treinador que dá patada ou é machista, como outros técnicos são, mas ela tem medo por causa do machismo e do assédio que as vezes nós, mulheres, sofremos.

Mesmo não tendo tantas experiências como a Alícia, percebo que o medo de sofrer assédio também está comigo. Na verdade, acredito que esteja com a maioria ou todas as mulheres, mas, principalmente, com as que trabalham com jornalismo esportivo. Um dos maiores desejos que tenho é que as mulheres possam trabalhar

tranquilas, sem ter medo de serem quem são e poderem dar suas opiniões de forma 100% livre.

Acredito que, com o trabalho, foi possível concluir que a realidade da mulher dentro do jornalismo esportivo está evoluindo comparada com seu início, mas o caminho ainda é muito longo para que exista uma igualdade na quantidade de profissionais.

O “Contra-ataque Delas”, para além do que eu já sabia, me mostrou que a presença da mulher dentro desta área é fundamental e traz um olhar mais cuidadoso sobre os esportes e profissionais. E que apesar das dificuldades, vale muito a pena lutar pelo meu sonho de fazer parte deste universo. O podcast me despertou um interesse, de quem sabe, ser apresentadora no futuro e ter a possibilidade de melhorar e me desenvolver mais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABPOD. **PodPesquisa Produtores 2020-2021.** Disponível em: <http://abpod.com.br/podpesquisa/>. Acesso em: 14/01/25.

ABPOD. **Resultados PodPesquisa 2024/2025 da Associação Brasileira de Podcasters (ABPod).** Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2024/10/PodPesquisa_2024_2025FINAL-1.pdf. Acesso em: 14/01/25.

ALEXANDRE, Júlia. Os criadores do YouTube estão transformando o site em uma rede de podcast. **The Verge**, 2019. Disponível em: <https://www.theverge.com/2019/9/9/20801873/youtube-podcast-creators-h3-joe-rogan-ethan-klein-hila-david-dobrik-views>. Acesso em: 01/02/25.

ALMEIDA, Daniela. Mulheres recebem 19,4% a menos que os homens, diz relatório do MTE. **Agência Brasil**, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-03/mulheres-recebe-m-194-menos-que-os-homens-diz-relatorio-do-mte#:~:text=O%20relat%C3%B3rio%20foi%20consolidado%20a,ano%20estar%C3%A3o%20sujeitas%20%C3%A0%20mulher>. Acesso em: 18/02/25.

ALMEIDA, Fabiane. Em pesquisa, mais de 85% das jornalistas afirmam sofrer preconceito na cobertura esportiva. **Tribuna de Minas**, 2019. Disponível em: <https://tribunademinhas.com.br/noticias/esportes/01-09-2019/em-pesquisa-mais-de-85-das-jornalistas-affirmam-sofrer-preconceito-na-cobertura-esportiva.html>. Acesso em: 12/02/25.

ALVES, João; LOPEZ, Debora Cristina. **Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados.** In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019, Belém. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0147-1.pdf>. Acesso em: 20/01/25.

Ana Thais Matos se torna a primeira mulher a comentar jogo do Brasil na Copa. **Jovem Pan**, 2022. Disponível em: <https://jovempan.com.br/entretenimento/tv-e-cinema/ana-thais-matos-se-torna-primeira-mulher-a-comentar-jogo-do-brasil-na-copa.html>. Acesso em: 07/02/25.

BAGGIO, Luana Maia. **Representação da mulher no telejornalismo esportivo: a atuação da jornalista Renata Fan no Programa Jogo Aberto da TV Bandeirantes.** Trabalho Final de Graduação (Bacharel em Jornalismo) - Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2012. Disponível em: <https://lapecjor.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/04/representac3a7c3a3o-da-mulher-no-telejornalismo-esportivo-a-atuac3a7c3a3o-da-jornalista-renata-fan-no-programa-jogo-aberto-da-tv-bandeirantes.pdf>. Acesso em: 10/02/25.

BARROS, Rafael Francisco Timoteo. **Jornalismo esportivo no Brasil Valores: em jogo no campo da notícia e do espetáculo.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,

2006. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1419/1/RBARROS.pdf>. Acesso em: 13/02/25.

BELOCHIO, Vivian de Carvalho. KELLNER, Vitor José Martins. **O jornalismo esportivo no impresso, no rádio, na TV, na web e nas mídias sociais digitais.** In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018, Cascavel. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-1075-1.pdf>. Acesso em: 10/02/25.

BONINI, Tiziano. **A “segunda era” do podcasting: reenquadramento o podcasting como um novo meio digital massivo.** Tradução: Marcelo Kischinhevsky. Radiofonias - Revistas de Estudos em Mídias Sonoras, Mariana, v.11, n.01, p.13-32, jan/abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315>. Acesso em: 12/01/25.

BRETONES, Marcos. Jardim de Amorim. **Redação Sportv: Uma Experiência de Jornalismo Esportivo Crítico.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) - Centro Universitário de Brasília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1087/2/20654435.pdf>. Acesso em: 14/02/25.

BRUM, Adriana; CAPRARO, André Mendes. **Mulheres no Jornalismo Esportivo: uma “visão além do alcance”?** Movimento Revista da Escola de Educação Física da UFRGS - v. 21, n. 4, p. 959-971, out./dez. de 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/52730/36085>. Acesso em: 17/02/25.

CARNEIRO, Leandro. SILVA, Ana Carolina. Ana Thais Matos será primeira mulher a comentar futebol masculino na Globo. **Uol**, 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/09/05/ana-thais-matos-sera-primeira-mulher-a-comentar-futebol-masculino-na-globo.htm>. Acesso em: 07/02/25.

CARVALHO, Júlia dos Cruz. **Mídia, Esporte e Gênero: a Baixa Participação Feminina no Cotidiano Esportivo das Redações.** In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021, Virtual. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt6-ce/julia-da-cruz-carvalho.pdf>. Acesso em: 15/02/25.

CHAGAS, Luan José Vaz. **Rádio expandido e o jornalismo: as redações radiofônicas na fase da multiplicidade de oferta.** Comunicologia: Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília. Brasília, v. 10, n. 1, p. 29-45, jan/jun 2017. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/7456>. Acesso em: 16/02/25.

CHAGAS, Luan José Vaz; SILVA, Antonio Carlos. **A segunda era dos podcasts no Brasil: historiografia recente da consolidação da mídia sonora no contexto do**

rádio expandido. Revista Comunicação: Cultura & Sociedade, Mato Grosso, ed. 13, v. 8, ano 08, 2021/2. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/5682/4606>. Acesso em: 04/02/25.

CHAGAS, Luan José Vaz; CHAGAS, Nayara Silva. **Rádio Expandido em Mato Grosso: formatação e condições de trabalho na produção local.** In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2020, Virtual. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1426-1.pdf>. Acesso em: 16/02/25.

COELHO, Paulo Víncius. **Jornalismo Esportivo.** 4. ed., 9^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2024.

O que é Mainstream. **Comando Geek.** Disponível em: <https://comandogeek.com.br/blog/glossario/o-que-e-mainstream/#:~:text>Mainstream%20%C3%A9%20um%20termo%20que,consumidos%20em%20massa%20pela%20sociedade>. Acesso em: 05/02/25.

COSTA, Viviani. Barbosa; LEITE, Marco. Antônio; RICHARTZ, Terezinha. **Mulheres no jornalismo esportivo: luta por espaço e equidade de gênero.** In: V Simgeti - Simpósio mineiro de gestão, educação, comunicação e tecnologia da informação, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unis.edu.br/bitstream/prefix/1296/1/Viviani%20Barbosa%20Costa.pdf>. Acesso em: 07/02/25.

DAGA, Bianca. 1^a narradora da Tv do Brasil foi pupila de Luciano do Valle e volta a narrar após 19 anos, na ESPN. **Espn,** 2018. Disponível em: https://www.espn.com.br/espnw/artigo/_/id/4055917/1-narradora-da-tv-no-brasil-foi-pupila-de-luciano-do-valle-e-volta-a-narrar-apos-19-anos-na-espn. Acesso em: 07/02/25.

DIBRADORAS. Quem somos. **Dibradoras,** 2025. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/sobre/#:~:text=Quem%20somos>. Acesso em: 12/02/25.

Em campo desigual: a luta das mulheres por mais reconhecimento no jornalismo esportivo. **Lab Notícias,** 2024. Disponível em: <https://labnoticias.jor.br/2024/04/29/em-campo-desigual-a-luta-das-mulheres-por-mais-reconhecimento-no-jornalismo-esportivo/>. Acesso em: 10/02/25.

FARIA, Aricia; FIRMINO, Jhonathan. O que é streaming? Saiba o que significa e quais plataformas existem. **Techtudo,** 2023. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/guia/2023/09/o-que-e-streaming-saiba-o-que-significa-e-quais-plataformas-existem-streaming.ghtml>. Acesso em: 03/02/25.

FERRARETTO, Luiz Artur **Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21.** In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007, Santos. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0046-1.pdf>. Acesso em: 22/01/25.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira. **Narradoras em Transmissões Esportivas no Brasil: Mapeamento Histórico da Presença Feminina na Narração em Veículos de Rádio, Televisão e Internet**. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021, Virtual. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt1-hj/raphaela-xavier-de-oliveira-ferro.pdf>. Acesso em: 10/02/25.

FIGUEIREDO, Simone Pallone de; TRINCA, Mayra Deltreggia. **Formatos de Podcasts: uma nova proposta de classificação baseada em estruturas**. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2022, João Pessoa. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0805202217352562ed7f0dc794c.pdf>. Acesso em: 24/02/25.

G. Ariane. O que é RSS Feed? Saiba Como Funciona e Conheça 4 Plugins para WordPress. **Hostinger Tutoriais**, 2023. Disponível em: <https://www.hostinger.com.br/tutoriais/o-que-e-rss-feed>. Acesso em: 03/02/25.

Todos os Podcasts. **Globo**, 2025. Disponível em: <https://www.globo.com/podcasts/>. Acesso em: Acesso em: 03/02/25.

HERTZIANOS. **Dicionário inFormal**, 2017. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/hertzianos/>. Acesso em: 03/02/25.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cultura do Podcast: reconfigurações do rádio expandido**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2024.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Notas para uma metodologia de pesquisa em rádio expandido**. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021, Virtual. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt4-rm/marcelo-kischinhevsky.pdf>. Acesso em: 15/02/25.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio social Uma proposta de categorização das modalidades radiofônicas**. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011, Recife. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/r6-1917-1.pdf>. Acesso em: 04/02/25.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio Social: mapeando novas práticas interacionais sonoras**. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 410-437, maio/ago., 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/12323/8262>. Acesso em: 04/02/25.

LEITE, Bruno. **Videocast: uma abordagem sobre pilhas eletrolíticas no ensino de química**. Revista Tecnologias na Educação - ano 2, n. 1, julho 2010. Disponível

em: <https://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2015/07/Art1-vol2-julho2010.pdf>. Acesso em: 03/02/25.

LELO, Thales. **Vilela. A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n254225/4075> 1. Acesso em: 12/02/25.

LIMA, Gislene Nogueira. National Public Radio: a relevância das emissoras públicas nas democracias. **Jornal da USP**, 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/national-public-radio-a-relevancia-das-emissoras-publicas-nas-democracias/>. Acesso em: 05/02/25.

LOPES, Naian. Rádio Mulher: o veículo que enfrentou o machismo nos anos 1970 acabou perdendo. **BBC News Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx8pj2x039no>. Acesso em: 13/03/25.

MARTINS, Nair Prata Moreira. **Webrádio: novos gêneros, novas formas de interação.** Dissertação de Doutorado (Doutora em Linguística Aplicada) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AIRR-7DDJD8/1/nair_prata_tese.pdf. Acesso em: 16/02/25.

MATTOS, Ediane Teles de; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A constituição histórica da presença da mulher no radiojornalismo esportivo brasileiro.** In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017, Curitiba. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2554-1.pdf>. Acesso em: 13/03/25.

MEIRELLES, Rebeka Vaz da Costa. **Sexismo no Jornalismo Esportivo: como as mulheres jornalistas vivenciam e lidam com a cultura patriarcal organizacional do esporte.** Dissertação de Mestrado (Mestre em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. Acesso em: 10/02/25.

MIRANDA, Helena Caroline; SILVA, Camila Diane. **Nas linhas do Campo: A participação feminina em programas esportivos com comentaristas.** In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017, Curitiba. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2965-1.pdf>. Acesso em: 09/02/25.

MOREIRA, Lorraine. Luciana Mariano, primeira narradora do Brasil, fala sobre sua trajetória. **Claudia**, 2023. Disponível em: https://claudia.abril.com.br/sociedade/luciana-mariano-primeira-narradora-do-brasil-fala-sobre-sua-trajetoria#google_vignette. Acesso em: 07/02/25.

MUSTAFA, Izani Pibernat. (2017). **O rádio mudou. É expandido. Transbordou para o celular e para as redes sociais.** Comunicação Mídia e Consumo, São

Paulo, v. 14, n. 41, p. 216-221, set/dez 2017. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/1449>. Acesso em: 16/02/25.

NOGUEIRA, Francisco José Albuquerque. **Jornalismo esportivo e invisibilidade feminina: uma análise sobre a presença das mulheres na programação esportiva das rádios de Sobral, em 2019.** In: V Seminário Internacional de Direitos Humanos e Sociedade, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/AnaisDirH/article/view/8786>. Acesso em: 14/02/25.

OLIVEIRA, Paulina Giovana de. **Elas que Narram: Uma análise dos comentários no twitter sobre a narração de mulheres no campeonato brasileiro de 2021.** Dissertação de Mestrado (Mestre em Comunicação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/55235/1/Elasquenarram_Oliveira_2023.pdf. Acesso em: 12/02/25.

OLIVEIRA, Rafael. Jornalistas lançam manifesto contra machismo e assédio no jornalismo esportivo. **Abraji,** 2018. Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/jornalistas-lancam-manifesto-contra-machismo-e-assedio-no-jornalismo-esportivo>. Acesso em: 11/02/25.

Ondemand: saiba tudo sobre esse formato! **Hotmart,** 2023. Disponível: <https://hotmart.com/pt-br/blog/ondemand>. Acesso em: 04/02/25.

PEDROZA, Christiana Lamoglia. Sobral. **Mulheres no Jornalismo Esportivo: os desafios e dificuldades da profissão.** Uma Experiência de Jornalismo Esportivo Crítico. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3849/3/CLSPedrosa.pdf>. Acesso em: 10/02/25.

PEREIRA, Ariane. RODRIGUES, Laura. **Jornalismo Esportivo: Análise da Campanha Deixa Ela Trabalhar.** In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019, Belém. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1280-1.pdf>. Acesso em: 10/02/25.

PERRIN, FERNANDA. Em Guantánamo, não vi a vigilância distópica que imaginei. **Folha de São Paulo,** 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/03/em-guantanamo-nao-vi-a-vigilancia-distopica-que-imaginei.shtml>. Acesso em: 02/02/25.

PETINELLI, Marina Vieira. **Mulheres no Jornalismo Esportivo,** 2018. Disponível em: https://issuu.com/amandarodriguesconstancio/docs/mulheres_no_jornalismo_esportivo_-_-. Acesso em: 13/02/25.

PILAR, Olívia; Souza, Rafaela Cristina de; VIMIEIRO, Ana Carolina. **Quem são as mulheres do jornalismo esportivo brasileiro? Demografia, funções desempenhadas, veículos que as empregam e desafios interseccionais.** In:

Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2023, Belo Horizonte. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202321313364dd6a65f19c1.pdf. Acesso em: 12/02/25.

Podcast vs Videocast: qual a diferença? **Comunique-se**, 2022. Disponível em: <https://www.comunique-se.com.br/blog/podcast-vs-videocast-qual-a-diferenca/>

PRIZIBISCZKI, Cristiane. Maria Helena Rangel: Há 60 anos, a presença feminina no jornalismo esportivo tinha início. Portal Imprensa: **Jornalismo e Comunicação na Web**, 2007. Disponível em: https://www.portalimprensa.com.br/portal/ultimas_noticias/2007/08/09/imprensa13571.shtml. Acesso em: 13/02/25.

Renata Silveira se torna primeira mulher a narrar Copa do Mundo na TV aberta. **Globo Esporte**, 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2022/11/22/renata-silveira-se-torna-primeira-mulher-a-narrar-copa-do-mundo-na-tv-aberta.ghtml> Acesso em: 09/02/25.

Romero, Elaine. **A Hierarquia de gênero no jornalismo esportivo**. In: III Fórum de Debate sobre Mulher & Esporte, mitos e verdades, 2004. p. 103- 109, São Paulo. Disponível em: <https://citrus.uspnet.usp.br/lapse/wp-content/uploads/anais/mulhereesporte.pdf#page=103>. Acesso em: 13/02/25.

SANTOS, Naiara Ashaia Rodrigues dos; SOUSA, Gerson de. **#DeixaElaTrabalhar: Análise Cultural da Representação da Mulher no Jornalismo Esportivo**. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019, Vitória. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0684-1.pdf>. Acesso em: 11/02/25.

SILVA, Sergio Pinheiro; SANTOS, Régis Salvarani. **O que faz sucesso em podcast? Uma análise comparativa sobre os podcasts mais populares no Brasil e nos Estados Unidos em 2019**. Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 49-77, 2020. Acesso em: 22/01/25.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo esportivo: conceitos e práticas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22683/000740013.pdf>. Acesso em: 09/02/25.

TOLEDO, MARINA. O que são prequel, sequel e spin-off? **CNN Brasil**, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/o-que-e-prequel-sequel-e-spin-off/>. Acesso em: 03/02/25.

VIANA, Luana; WINTER, Yasmin. **Rádio e Podcast: Estratégias de Adaptação Multiplataforma.** In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2020, Virtual. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0045-1.pdf>. Acesso em: 23/01/25.

VIANA, Luana. **O áudio em reportagens radiofônicas expandidas.** Dissertação de Mestrado (Mestre em Comunicação) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/server/api/core/bitstreams/5979ecd2-3266-46c3-b1ae-4eb8769c2115/content>. Acesso em: 23/01/25.

VIANA, Luana. **O Uso do Storytelling no Radiojornalismo Narrativo: Um Debate Inicial para Podcasting.** In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019, Belém. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0677-1.pdf>. Acesso em: 24/01/25.

VICENTE, Eduardo. **Do Rádio ao Podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio.** In: Anais do 27º Encontro Anual da Compós, 2018, Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002906541.pdf>. Acesso em: 12/01/25.